

UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO
CENTRO ACADÊMICO DO AGRESTE
NÚCLEO DE DESIGN
CURSO DE DESIGN

**UMA ANÁLISE À PERFORMANCE HIP HOP COMO PRÁTICA NA
CONSTRUÇÃO DE SIGNIFICADOS CULTURAIS NA CIDADE DE
CARUARU, SOB A ÓTICA DO DESIGN.**

Aluna: Maria Helena Ferreira da Silva
Orientadora: Doutora Maria Teresa Lopes

CARUARU
2016

UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO
CENTRO ACADÊMICO DO AGRESTE
NÚCLEO DE DESIGN
CURSO DE DESIGN

**UMA ANÁLISE À PERFORMANCE HIP HOP COMO PRÁTICA NA
CONSTRUÇÃO DE SIGNIFICADOS CULTURAIS NA CIDADE DE
CARUARU, SOB A ÓTICA DO DESIGN.**

Maria Helena Ferreira da Silva

Monografia apresentada ao Curso de Design
da Universidade Federal de Pernambuco,
Centro Acadêmico do Agreste. Para obtenção
do grau de Bacharel em Design.

Orientadora: Doutora Maria Teresa
Lopes

CARUARU
2016

Catálogo na fonte:
Bibliotecária – Simone Xavier CRB/4 - 12

S586a Silva, Maria Helena Ferreira da.
Uma análise à performance hip hop como prática na construção de significados culturais na cidade de Caruaru, sob a ótica do design. / Maria Helena Ferreira da Silva. – 2016.
78f. : 30 cm.

Orientadora: Maria Teresa Lopes.
Monografia (Trabalho de Conclusão de Curso) – Universidade Federal de Pernambuco, CAA, Design, 2016.
Inclui Referências.

1. Cultura. 2. Hip-hop (Cultura popular). 3. Design. 4. Identidade. 5. Significação.
I. Lopes, Maria Teresa (Orientadora). II. Título.

740 CDD (23. ed.) UFPE (CAA 2016-424)



UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO
CENTRO ACADÊMICO DO AGRESTE
NÚCLEO DE DESIGN
CURSO DE DESIGN

PARECER DE COMISSÃO EXAMINADORA
DA DEFESA DO PROJETO DE
GRADUAÇÃO EM DESIGN DE

MARIA HELENA FERREIRA DA SILVA

**“UMA ANÁLISE À PERFORMANCE HIP HOP COMO PRÁTICA NA
CONSTRUÇÃO DE SIGNIFICADOS CULTURAIS NA CIDADE DE
CARUARU, SOB A ÓTICA DO DESIGN”.**

A comissão examinadora, composta pelos membros abaixo, sob a presidência do primeiro, considera a aluna MARIA HELENA FERREIRA DA SILVA.

APROVADA

Caruaru, 25 de Abril de 2016.

Doutora Maria Teresa Lopes

Doutor Eduardo Romero Lopes Barbosa

Doutor Amilcar Almeida Bezerra

Agradecimentos

Muitos foram os que contribuíram diretamente ou indiretamente para a conclusão desta pesquisa, aos quais sinceramente agradeço:

Aos Professores do Núcleo de Design pelos quais tive a oportunidade de obter aprendizados.

À orientadora, Professora Teresa Lopes, pela paciência, sugestões que se tornaram relevantes, por ter acreditado e incentivado o desenvolvimento deste projeto, tornando possível a conclusão desta pesquisa.

À Professora Luciana Freire, pelo apoio, pela disponibilidade para esclarecimentos de dúvidas mostrando sempre interesse quando foi preciso.

À Professora Glenda Cabral, pela gentileza e calma em explicar as dúvidas.

À Professora Germannya D’Garcia, pelo incentivo as pesquisas e encorajamento nos projetos pessoais.

À todos os meus amigos, ao Elvis Lima, pelo companheirismo no cotidiano e nas madrugadas em que passamos estudando, muitas vezes até disciplinas diferentes. Ao Rodrigo Aquino, pela sincera criticidade no desenvolvimento desta pesquisa. Aos amigos Juliete Nascimento e Tarciso Monteiro pelos diálogos amigáveis. À Catarina Carvalho e a Roberta Moraes pelas boas risadas. Em especial, Rafael Dayon e Uhélio Gonçalves pela compreensão e companheirismo.

À Ana Carolina Torres (em memória), incrível amiga de curso que tive a oportunidade de conviver por quase dois semestres.

A todos que fazem a cultura Hip Hop, em especial na cidade de Caruaru.

Aos meus pais e familiares, em especial minha mãe Dona Beta, pela paciência e colaboração com meus projetos acadêmicos.

E por fim, à dedico todos aqueles que de alguma forma estiveram e estão próximos de mim, acreditando nos meus objetivos fazendo esta vida valer cada vez mais a pena.

O que é, o que é?
Clara e salgada
Cabe em um olho
Pesa uma tonelada

Tem sabor de mar
Pode ser discreta
Inquilina da dor
Morada predileta

Na calada ela vem
Refém da vingança
Irmã do desespero
Rival da esperança

Pode ser causada por
Vermes e mundanos
E o espinho da flor
Cruel que você ama

Amante do drama
Vem pra minha cama, por querer
Sem me perguntar, me fez sofrer

E eu que me julguei forte
E eu que me senti
Serei um fraco quando outras delas vir

Se o barato é louco e o processo é lento
No momento, deixa eu caminhar contra o vento

O que adianta eu ser durão e o coração ser vulnerável?
O vento não, ele é suave, mas é frio e implacável

(É quente)

Borrou a letra triste do poeta

(Só)

Correu no rosto pardo do profeta

Verme, sai da reta

A lágrima de um homem vai cair

Esse é o seu B.O. pra eternidade

Diz que homem não chora

Tá bom, falou

então vai pra bíblia irmão

Aí, Jesus chorou.

Resumo

Esta é uma pesquisa que visa analisar a atuação da cultura Hip Hop na cidade de Caruaru, compreendendo sua representação e as relações que os adeptos constroem com os meios de comunicação, meios sociais, meios culturais, meios econômicos em seus processos de lutas políticas, protestos, críticas sociais, manifestações artísticas, trocas figuradas, materiais e simbólicas. Com a intenção de registrar as oportunidades de como um movimento pode ser utilizado como elemento catalisador para suas manifestações e representatividade e por meios de expressões naturais que são determinantes no dia-a-dia desses indivíduos, contextualizando a história do movimento de forma global e local, e também a realidade socioeconômica vivida pelos adeptos. Diante disso, com a observação participativa e por meio de entrevistas de áudio e vídeo, questionários foi possível analisar e compreender alguns aspectos através do Design, as configurações representativas desta cultura, deste movimento, onde os jovens se inspiram para a formação de suas identidades e opiniões.

Palavra-chave: Cultura, Hip Hop, Design, Identidade, Significação.

Abstract

This is a research aimed at updating Hip Hop culture in the city of Caruaru, including its representation and relations with the media, social media, cultural media, economic means in its processes of political struggles, protests, social criticism, artistic manifestations, figurative, material and symbolic exchanges. With an intention to record as opportunities of how a movement can be used as a catalyzing element for its manifestations and representativeness and by means of natural and mutual expressions that are determinant in the day-to-day dictates, contextualizing a history of the movement in a global and local way too, and also the socioeconomic reality, lived by the fans and adepts this culture. Thus, through a participatory observation and through audio and video interviews, questionnaires in order to analyze and, through the project, the settings representative of this culture, of this movement, where young people are inspired to the formation of their identities and opinions.

Keywords: Culture, Hip Hop, Design, Identity, Significance.

Lista de Figuras

Figura 1 – MC (Mestre de Cerimônia)	20
Figura 2 – DJ (Disc Jockey).....	20
Figura 3 – Grafite.....	21
Figura 4 – Break Dance.....	21
Figura 5 – Baile Black Power do Palmeiras nos anos 70	30
Figura 6 – Apresentação na 24 de Maio nos anos 80	31
Figura 7 – Mapa dos Bairros Centenário e Morro do Bom Jesus - 2015.....	33
Figura 8 – Premiação de 3º lugar da equipe Centenário Força Break	35
Figura 9 – Performance Hip Hop	49
Figura 10 – Cartela de Cores	50
Figura 11 – Cartela de Texturas	51
Figura 12 – Cartela de Tipografia	52
Figura 13 – Expressões	53
Figura 14 – Mano Brown / Racionais MC's.....	54
Figura 15 – Azulão 2013	55
Figura 16 – Estilo.....	56
Figura 17 – Espaço	57
Figura 18 – Intervenção.....	58
Figura 19 – Valorização de Espaços	58
Figura 20 – James Brown, Paulão e Nelson Triunfo – Anos 80	59
Figura 21 – Grupo Força Break - 2002	60
Figura 22 – Apresentação para o quadro do Programa Moçada - 2015.....	61
Figura 23 – Blecaut Rimador e Suspeito - 2013.....	62
Figura 24 – Análise do Design Gráfico - 2015.....	63

Figura 25 – Hippias	64
Figura 26 – Malabares e Skatistas	64
Figura 27 – DJ e Sua Tecnologia	65
Figura 28 – MC e Sua Tecnologia.....	66
Figura 29 – Break Dance e Sua Tecnologia.....	66
Figura 30 – Grafite e Sua Tecnologia.....	67

Lista de Gráficos e Tabelas

Gráfico 1 – Detalhamento do MEID.....	46
Tabela 1 – Quadro de Resumo do MEID.....	47

Sumário

Introdução.....	14
Capítulo 1. Um pouco da história do Hip Hop	17
1.1 Hip Hop na Cidade de Caruaru	32
1.2 Hip Hop e Cultura Pop	40
1.3 A Tribo Urbana.....	42
Capítulo 2. Metodologia de Pesquisa.....	45
2.1 Aplicação do MEID (Fase 1)	45
Capítulo 3. Análise dos dados	48
Capítulo 4. Considerações Finais.....	68
Referências.....	73
Anexo	76

Introdução

O Hip Hop é uma cultura de origem periférica norte americana composta por quatro elementos, sendo eles o DJ, o MC, o Grafite e o Break Dance, que se espalhou pelo mundo inspirando e conquistando muitos adeptos por onde se instalava, passando a fazer parte do cotidiano de jovens residentes de periferias e subúrbios que não tinha opção para lazer, adotando o movimento Hip Hop como ocupação, e até mesmo os livrando de entrar em gangues perigosas e no mundo do crime.

A escolha do tema desta pesquisa se deu pela necessidade de compreender por meio do Design a construção da representação que a cultura Hip Hop possui, e conseqüentemente características que estabelecem uma identidade na forma como o indivíduo se projeta na sociedade. Pretende-se abordar nessa pesquisa a oportunidade para estudar a diversidade cultural e o poder da transformação sociocultural na realidade local que este movimento se fez presente na cidade de Caruaru.

Esta pesquisa propõe a reflexão sobre a importância da relação do Design enquanto agente multidisciplinar, para compreender melhor como sua aplicação pode ser utilizada em meio a cargas de signos e símbolos produzidos pela cultura HIP HOP. Exibindo por meio de pesquisas, seus conceitos e relações; podendo apresentar mais detalhadamente o quão grande é esse vínculo, onde em uma mesma sociedade existem muitas culturas, identidades e comportamentos que estão em constante transformação devido a vários fatores, dentre eles a globalização que é o fator predominante, expondo as identidades em um cenário multicultural onde são remoldadas.

Compreendendo em um breve contexto dos aspectos históricos mundiais para o surgimento do Hip Hop e abarcando seus conceitos pregados na sua essência, numa imersão cultural onde os valores transgridam as barreiras simbólicas, materiais, raciais e socioeconômicas. Munidos destes valores, os jovens fazem manifestações e críticas sociopolíticas por meio do Hip Hop, que leva a informação para grupos sociais desprovidos de escolaridade. Em seguida,

levantando os aspectos históricos do movimento no Brasil no fim dos anos 70 desencadeado pelo estilo Soul Funk do grande ícone James Brown.

Ao percorrer os aspectos históricos no Brasil, pode-se então chegar na cidade de Caruaru do estado de Pernambuco, onde o Hip Hop se instalou em dois bairros vizinhos e mais perigosos da cidade, estes bairros, Centenário e Morro Bom Jesus têm problemas sociais de desemprego, altas taxas de criminalidade, falta de saneamento básico, carência na saúde, falhas no sistema de educação e afins. Diante disso, há um desdobramento para compreender as funções dos quatro elementos do Hip Hop (DJ, MC, Grafite e Break Dance), e suas características que diversifica este movimento.

Visto que estas exterioridades sociais da realidade dos bairros do Centenário e Morro Bom Jesus são determinantes para o fator de formação de identidade para um indivíduo, neste momento buscou-se compreender como se dá essa identidade cultural, interligada com a apropriação cultural, tendo em vista que é uma cultura de origem estrangeira, mas que se alojou interagindo com a identidade local agregando e promovendo a diversidade cultural.

Dentro deste panorama, o estilo pessoal composto pela estética da indumentária e comportamental, é uma marca da personalidade que caracteriza e faz parte do cotidiano desses jovens. A elaboração desse tipo de estilo bem característico do movimento Hip Hop, atrai a atenção e a aproximação de outras culturas e grupos urbanos, criando um laço capaz de prestigiar as atividades desenvolvidas.

Tomando como ponto de partida os três pilares: economia, pós-modernismo e juventude, pretendendo promover uma reflexão para “cultura pop”, termo que se apresenta na cultura contemporânea intrinsecamente ligada ao movimento Hip Hop.

No experimento de compreender as transformações no comportamento da cultura Hip Hop enquanto grupo, buscou-se respaldo no pensador Michael Maffesoli, que trata de tribos urbanas onde as preocupações são as vivências em coletividade, num ponto de vista notável para a diversidade social e cultural.

A metodologia empregada para esta pesquisa, resulta da consequência dos objetivos e condicionantes escolhidos (Verificar por meio do design como se dá a significação e a representação cultural do movimento Hip Hop em Caruaru), que se apresentou como a mais plausível. Sendo este o Método Exploratório de Intervenção do Design- MEID (LOPES, M. T. 2013), que percorre por quatro fases de mapeamentos sendo: o Mapeamento Iconográfico (registros), o Mapeamento dos Fundamentos da Linguagem Gráfica (análises), o Mapeamento da Ordem Subjetiva (Expressões) e o Mapeamento Implícito ao Design (especialidades). Esta metodologia possibilitou a observação participativa caracterizando assim este estudo, como o Qualitativo, o Exploratório e o Experimental.

Capítulo 1 Um pouco da história do Hip Hop

A aproximação da pesquisadora com o objeto de pesquisa se deu bem antes da graduação, devido seu envolvimento frequente com a cultura e arte, quando ainda no ensino fundamental iniciou as atividades de teatro como disciplina na Escola Dom Vital e no ano de 2002 o grupo de teatro produziu um espetáculo com temáticas representativas da realidade do Morro Bom Jesus, bairro da cidade de Caruaru em Pernambuco. Os professores de teatro tomaram conhecimento da existência de um tipo de grupo organizado de Hip Hop chamado Família MBJ, os convidando para participar do espetáculo; daí então, o teatro se tornou um divisor de águas, sendo a ponte para o interesse da pesquisadora pelo movimento Hip Hop e mais ainda pela dança, o Break Dance onde desenvolve performances até hoje.

O Hip Hop é uma cultura artística que teve seu início em meados do fim dos anos 1960 e início dos anos de 1970. Segundo alguns autores, como o Richard (2005), seu surgimento se deu nas áreas centrais de comunidades jamaicanas, latinas e afro-americanas em subúrbios e regiões periféricas dos Estados Unidos, mais precisamente, na cidade de Nova York, estendendo-se a prática até os dias atuais de forma difusa pelo mundo em diversos campos e classes socioeconômicas, conquistando muitos adeptos que em sua maioria são jovens negros residentes em periferias, subúrbios e áreas de risco. Através do ritmo dançante, batidas ritmadas engajadas com poesia, danças com passos improvisados, artes plásticas urbanas e sua ideologia que não é fixa, onde a premissa tende de ser a liberdade de expressão e como todas as pessoas tem a sua forma de se expressar.

Mas os principais ideais desta cultura são: a luta contra as diferenças das classes sociais, a igualdade racial, contra a marginalização, a favor da paz e da justiça; sendo uma forma de denunciar e contestar por meio das expressões aplicam os seus objetivos com essa cultura fortíssima, na busca de reduzir os efeitos das desigualdades através da arte voltada para a coletividade do grupo, levando uma nova perspectiva de vida. Caracterizado inicialmente com vestes mais justas, para facilitar a performance dos movimentos, no entanto ao passar

do tempo os adeptos se vestiam com roupas de números maiores, tênis largos, bonés; o que tornou um marco na estética visual da cultura Hip Hop.

Ainda hoje muitas pessoas não sabem dizer o que é Hip Hop ou se confundem achando que é a mesma coisa que o rap, talvez tenha sido pela divulgação equivocada dos meios de comunicação nos anos 80. Mas conforme alguns teóricos e autores que contribuíram na construção desta pesquisa, é observado o uso de várias analogias para compor no que se diz “Hip Hop”, desde sua forma mais genérica da palavra até seu conceito como movimento sociocultural juvenil cheio de significações que consegue imprimir a identidade de muitos jovens, que podem se expressar através da música, da dança e da pintura, como sujeito ativo e participativo na forma de contra cultura no nosso país em seus diferentes meios políticos, ou seja, onde muitas áreas ainda estão excluídas e privadas de intimidade a cultura.

De acordo com Bastos e Mendonça (In: ALVES & CARVALHO, 2009, p. 98), “O termo Hip Hop, significa em uma tradução literal da língua inglesa, saltar e movimentar os quadris, uma referência a dança breaking.” Ou seja, em termo genérico o Hip Hop está ligado a diversão, ao entretenimento e expressões.

Segundo Richard, em sua entrevista concedida na página virtual no Portal Vermelho (2014), “O hip hop é muito mais que música e dança. Ele busca conscientizar, educar, humanizar, promover, instruir e divertir, além de reivindicar direitos e o respeito nas relações sociais”. Para este autor, o conceito de Hip Hop está voltado para a capacidade de abordagem de um indivíduo por meios de expressões através do estado de espírito que se encontra, na realidade em que vive, oferecendo oportunidades de interação ou até mesmo um caminho que esta cultura proporciona, apontando formas de como conviver em meio a sociedade.

E ainda com BASTOS e MENDONÇA (In: ALVES & CARVALHO, 2009, p. 98), o Hip Hop seria “... caráter ideológico de protesto político, social, cultural e racial.”. Podemos observar que, de acordo com esses autores, o Hip Hop carrega uma bagagem cultural com uma complexidade de ideias expressadas através do

movimento como um todo, em prol da minoria que em sua maior parte é carente de informação e escolaridade.

Ainda para Nelson Triunfo em documentário Marco Zero (2014), pioneiro da cultura Hip Hop no Brasil, este ressalta em sua fala "...Pra mim, hoje Hip Hop é Hip Hop; Hip Hop pra mim hoje é Hip Hop. Tipo o Samba é o Samba. O que é Samba? Então, por que o Hip Hop não pode ser o Hip Hop? Então pra mim o Hip Hop é Hip Hop!". Enfatiza o autor Nelson Triunfo, com muito orgulho em documentário Marco Zero do Hip Hop, que o movimento hoje é de conhecimento público e reconhecido no Brasil, que suas características são tão expressivas que falam por si só, como qualquer outro movimento cultural ou estilo de dança.

A cultura Hip Hop na contemporaneidade está consagrada e reconhecida além dos seus aspectos históricos, pois nos dias de hoje esta cultura pode ser identificada também em seus aspectos estéticos como qualquer outra cultura, ideologia ou localidade, sem influências exteriores para o seu reconhecimento, se tornando um fenômeno global, no entanto local.

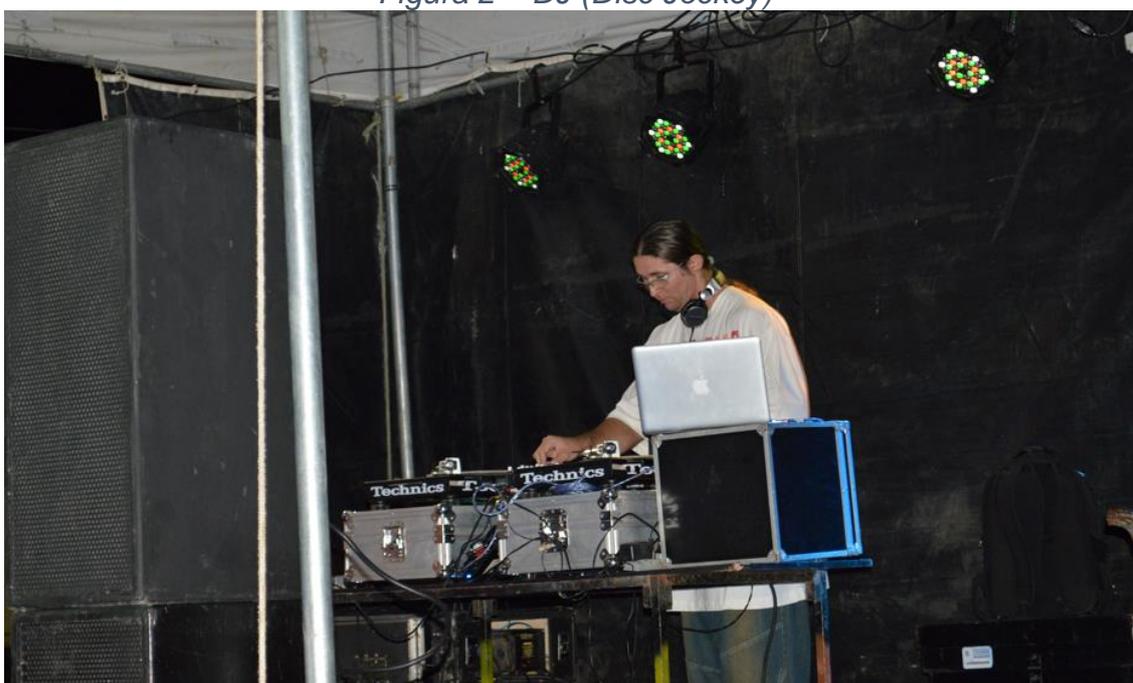
No movimento Hip Hop existem quatro elementos que compõe a cultura, seria como um universo complexo de sistemas interligados, conduzindo para uma variedade distinta de caminhos artísticos de expressão. Sendo assim, são eles o **MC, DJ, Grafite e Break Dance**.

Figura 1 – MC (Mestre de Cerimônia)



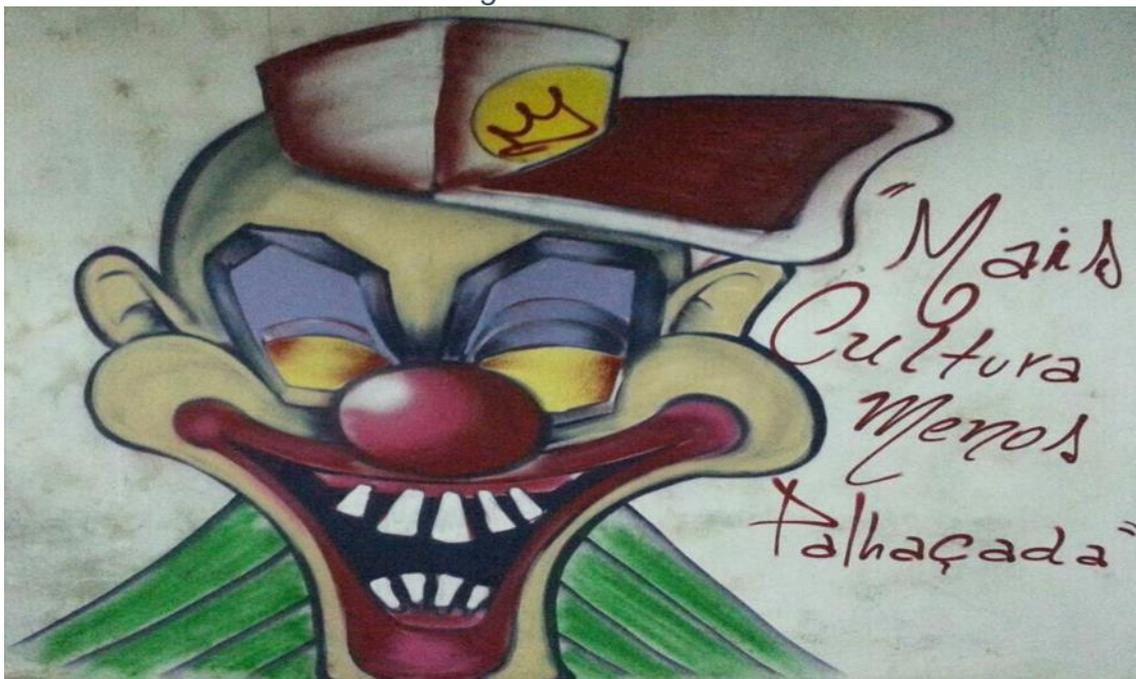
Fonte: do Autor (2015)

Figura 2 – DJ (Disc Jockey)



Fonte: do Autor (2015)

Figura 3 - Grafite



Fonte: do Autor (2015)

Figura 4 – Break Dance



Fonte: do Autor (2015)

Que de acordo com Richard (2005), os quatro elementos do Hip Hop são: o MC que é o compositor do Rap ou também pode ser o Mestre de Cerimônia que apresenta e anima as festas de Hip Hop, sendo ele o que canta as músicas ritmadas; o DJ que é o artista sonoro responsável pelos mixes de músicas para serem ouvidas ou dançadas tendo vinil, CD ou desenvolve áudios digitais para

tocar e apresenta-las em festas; o Grafite é uma expressão das artes plásticas urbanas, feita na maioria das vezes com tintas spray, sempre com críticas sociopolíticas; o Break Dance que é a dança que utiliza passos improvisados tendo como dançarinos Break Boy ou Break Girl são os dançarinos e dançarinas, sendo B.Boys e B.Girls abreviados. Explica Richard (2005, p.38), “Entre eles, as diferenças são grandes, porém todos tem um objetivo comum: a transmissão de uma mensagem consciente, relacionada com a realidade vivida em seu meio de origem...”.

Com Alves (2005 p. 42) “Estas, representam os quatro elementos do hip hop: discotecagem (DJ), música (rap), dança (break, street dance) e grafite.”. De acordo com este autor, os elementos do Hip Hop mais uma vez estão sendo associados às atividades artísticas diferentes, porém sempre conectados.

Ainda assim, nesse contexto pode-se observar que com Bastos e Mendonça (In: ALVES & CARVALHO, 2009, p.98),

...por meios de seus elementos artísticos, da poesia e do canto com o MC, e a música com o DJ que compõem o rap, a dança de rua, sendo a mais conhecida e praticada o breaking, e a arte plástica, o grafite, foi apropriado pela indústria cultural norte-americana, expropriando o seu caráter ideológico de protesto político, social, cultural e racial.

Esclarece o autor os papéis de cada elemento e o quanto divergente pode ser suas áreas executadas, mas a fundamental essência ideológica está sempre presente em todos os elementos, assim como o Rap composto pelo MC e o DJ que aproxima para a fala poética coloquial e informal que traz em suas letras muitas gírias usadas no cotidiano da realidade vivida. E de acordo com o conceito que Chauí (1984, p 5) oferece para ideologia, explica então o que acontece exatamente na forma essencial do movimento Hip Hop.

Um dos traços fundamentais da ideologia consiste, justamente, em tomar as ideias como independentes da realidade histórica e social, de modo a fazer com que tais ideias expliquem aquela realidade, quando na verdade é essa realidade que torna compreensíveis as ideias elaboradas.

Sobre o rap continua Bastos e Mendonça (In: ALVES & CARVALHO, 2009, p. 98), “O rap foi inventado e difundido como um modo de fazer música/poesia acessível a qualquer um, por meio da colagem de bases sonoras de outras músicas.”. O rap em seu desempenho prega o conhecimento, sendo uma das formas de protestos mais usada na cidade de Caruaru - Pernambuco, repercutindo em shows nas comunidades, ganhando espaço em festas tradicionais da cidade como o São João, a principal festa comemorativa de Caruaru. As críticas sociais que são descritas em letras, em sua maioria são as histórias que acontecem com eles e com pessoas próximas de sua comunidade.

- *Daria um filme, uma negra e uma criança nos braços, solitária na floresta de concreto e aço. (Racionais MC's, Negro Drama).*

Os *Racionais MC's* é uma banda de rap da cidade de São Paulo, que teve seu início nos anos 90, se consagrando até a atualidade, mesmo este grupo sendo de outro estado, é um grande formador de opiniões para o movimento Hip Hop na Cidade de Caruaru, sendo válido citá-los, por ser uma referência inspiradora para os jovens deste contexto local. Muitas de suas letras são relatos de vivências aplicadas a críticas e exclusão social. A reflexão sobre o trecho da música *Negro Drama* lançada no ano de 2002, é um relato da própria experiência de vida dos autores Mano Brown e Edi Rock, que já refletiam a propósito dos problemas sociais daquele período e que hoje em dia, há cerca de 14 anos depois se aplica o mesmo pensamento e realidade vivida por muitas mães solteiras, buscando oportunidades de emprego em cidades grande, sem apoio de familiares, que em sua grande maioria terminam residindo em subúrbios e periferias.

Sendo assim, o rap contempla todas as classes sociais, embora que, há alguns adeptos que insistem ter preconceito em dividir e restringir o acesso da cultura apenas para pessoas que residem em periferia, acontecendo também o mesmo, muitas pessoas ainda têm preconceito sem nem conhecer os jovens que praticam a cultura, criando uma imagem negativa e marginalizada. E ainda existem pessoas que tem estabilidade financeira, não residem em periferias e mesmo assim prestigiam a cultura e a valorizam de forma igual aos periféricos, pois o Hip Hop não tem dono.

Ainda no rap, os MC's como são chamados os cantores de rap, tem espaço em eventos de Hip Hop não só apresentando as atrações de maneira tradicional, mas também participando de “batalhas de rima” competição que ocorre por composição improvisada de versos com a possibilidade de uso de letras anteriormente escritas e em “freestyle” ou seja, o estilo livre, uma competição por meio de desafios em turnos de vez, parecidos com os mecanismo do Repente, com versos rimados totalmente improvisados, expondo as diferenças, rivalidades e problemas sociais, explorando a criatividade juntamente com o senso crítico, que conseqüentemente influencia a rotina desses jovens como um todo. Transcendendo suas origens e colocando seus conhecimentos intelectuais por temas ali apontados.

Pimentel (1999, p. 7), define assim sobre como se dá a performance do rap em suas distintas funções bem como “A arte do DJ e a do MC surgiram como dois elementos separados, que se complementam. Sua evolução aconteceu simultaneamente, mas em paralelo, cada um desenvolvendo seus próprios recursos.”. Como estes elementos são tão independentes e isolados, produzindo suas letras, no caso do MC e produzindo os efeitos sonoros e batidas, quando se tratando do DJ; mesmo juntos conseguem se fortalecer com a singularidade de saber rimar na batida da música e executar os “beats” como são chamadas as batidas desenvolvidas pelos DJ's.

Em Caruaru os grupos de rap Como o Consciência Nordestina, 3 Soma, A Firma, entre outros, se reúnem para ensaiar na maioria das vezes na casa de um dos integrantes, neste caso o DJ que já tem posse dos equipamentos, como caixa amplificadora, microfones e passa discos. As apresentações são organizadas por eles mesmos, como a essência da cultura Hip Hop é transmitir a mensagem eles se preocupam e sabem da responsabilidade do poder das palavras e se sentem formadores de opinião, pois em suas letras procuram alertar os jovens, buscam se apresentar em escolas do bairro, fazer eventos beneficentes em clubes para arrecadar alimentos para doação, entretanto, também há convites para shows em outros eventos alternativos na cidade e região.

Na dança de rua ou popularmente conhecida como Break Dance ou Breaking, para Bastos E Mendonça (In: ALVES & CARVALHO, 2009, p.97) relata como: “O breaking transpõe para a dança essas tensões, fusões e conflitos. Uma dança de rua veloz, acrobática, que acelera o ritmo entrecortado do rap e alterna performances com apoio na troca rápida dos pés, no giro com base na cabeça...”. Alega os autores que a dança breaking conduz para os movimentos as vivências e sentimentos na forma de expressão corporal, tendo o corpo como ferramenta de comunicação, manejando, transgredindo o espaço-tempo de sua realidade.

Com características de ter proximidade com o chão, se dividindo em estilos como o B.boying, é considerado a verdadeira dança de rua, onde os dançarinos dançam no chão, giram e fazem saltos dentro de uma batida musical chamada break beat, é o estilo mais usado nos eventos de Hip Hop; o Soul que surgiu na década de 50, foi a primeira dança dentro do estilo Hip Hop, criado por James Brown; o Funk Style teve surgimento no final da década de 60, as pessoas que aderiram esse ritmo, andavam com cabelões e tinham como ídolo o cantor James Brown; O Up rock surgiu na década de 60 e tem como base o kung-fu, sendo a única dança do Hip Hop que utiliza passos de luta; O House surgiu na década de 90, em Miami, foi a última dança de rua que surgiu, onde os dançarinos de House dançam no contratempo da dança, ou seja, atrás da batida, mas no ritmo; O Hip House, este estilo é parecido com o House, mas com mais passos saltitantes que antes era conhecido como “Smorf Dance”; O Locking surgiu na década de 70, conhecida por ser uma dança sátira, onde os dançarinos usam suspensório, roupas xadrez, um estilo lúdico que os torna engraçados; O surgimento do Popping foi na Califórnia, os dançarinos de Popping são os mais reservados do Hip Hop, usam terno e gravata e tem como característica da dança fazer movimentos parecidos com os de robôs. Geralmente, quem dança Popping dificilmente dança Break Dance, são os lados opostos do estilo musical do B.boying, Popping e Locking; sendo esses três considerados os fundamentos da dança de rua, que na atualidade é mundialmente conhecido como Break Dance, devido a informações que a mídia passa, unificando todos os estilos.

Com Richard (2005, p. 39), “O Break Dance é um estilo de dança de origem africana que foi aperfeiçoado na década de 70 em Nova York, EUA.”. Logo

quando surgiu, o Break Dance era utilizado como manifestação popular de jovens para não entrar em gangues de rua ou na criminalidade. Atualmente o Break Dance é utilizado como diversão ou competição no mundo inteiro. É um dos elementos desse movimento que chama muita atenção, devido as performances e acrobacias encantadoras, lembrando os passos de capoeira com o gingado e os giros. As equipes em sua maioria são denominadas como “Crews” que significa grupos ou gangues, estas “Crews” como são camadas, se reúnem em espaços como praças e centros para ensaiarem a prática de novos movimentos e coreografias. Em Caruaru a parte da dança consegue ser um atrativo muito forte para se prestigiar, há várias equipes de Break Dance, sendo algumas delas: Gang Calanga, Invertmon Crew, C3 Crew, Legião B.Boys Crew, Master Conexão Crew e tantas mais que continuam na resistência e reminiscência que permanece atrelada aos costumes regionais.

Estas equipes se reúnem para praticar as performances todos os dias, reservando os finais de semana para os campeonatos e apresentações, levam a sério os ensaios como atletas mesmo, e realmente são! É uma atividade que exige bastante da disposição física do corpo, pois muitos passos do Break Dance exigem que o dançarino tenha uma certa flexibilidade, equilíbrio e força para desenvolver as performances. As equipes chegam aproximadamente a ensaiar de 4 a 8 horas por dia, dedicados e disciplinados como acontece em esportes.

Para Bastos e Mendonça (In: ALVES & CARVALHO, 2009, p. 97) define o grafite como: “Ele faz parte de uma cultura de rua bastante diversificada e rica, da qual o hip hop é uma parte importante...”. Ou seja, quando os autores citam que o grafite é bastante diversificado, está apresentando o quanto abrange em aspectos culturais urbanos na qual está integrado.

Além disso, Bastos e Mendonça (In: ALVES & CARVALHO, 2009, p.97) complementa com seu discurso a respeito do grafite:

Sua forma de inscrição nervosa em paredes, muros, viadutos, monumentos e outros locais compõe uma estratégia de ocupação e apropriação do espaço público e da solidariedade no desvio/deslocamento pela trama da cidade – uma forma

subterrânea-popular de “re-publicizar” os espaços (antes de uso comum) agora, em grande parte, privatizados.

Assim Como os outros elementos do Hip Hop sempre tem a essência de protesto, no grafite não poderia ser diferente, pois através das artes plásticas em paisagens urbanas, criticam o sistema com frases em letras entrelaçadas, com desenhos feitos em spray. Acontece muitas vezes uma grande confusão ao distinguir o grafite da pichação, relacionam os dois como se fossem a mesma coisa, sendo a pichação uma atividade clandestina que alastrar-se nas ruas com símbolos e palavras agressivas; já o grafite é composto por grupos empenhados com a arte, encontrando nos muros da cidade uma oportunidade de expor com suas tintas em spray as paisagens, personagens e caligrafias bastante coloridos que encanta o percurso.

O conceito de grafite para Pimentel (1999, p.27)

Afinal, o que seriam aquelas pinturas que os homens das cavernas costumavam fazer nas paredes de suas moradas se não grafite? Mudou apenas o sentido das inscrições. Para eles, supõe-se que eram “mágica”. Para nós, são demarcações de território, embelezamento da cidade, etc.

O grafite como comportamento está associado desde os tempos das cavernas, que contava a história através de desenhos rupestres. Em Caruaru podemos ver muitas pichações pelos muros da cidade, no entanto, há alguns lugares que estão sendo contemplados com as artes plásticas do grafite deixando visualmente agradável e dando graça ao visual urbano. Sabendo que o Hip Hop surgiu com o propósito de reunir jovens como forma de diversão, através da manifestação de pensamento direcionada para a sociedade por meios artísticos, pela precisão de inclusão social da minoria de determinadas comunidades negras dos Estados Unidos. Em 12 de novembro de 1973 foi inaugurada a primeira organização que tinha dentro de suas preocupações o Hip Hop, estando localizada sua sede no bairro do Bronx, em Nova York chamada “Zulu Nation” fundada por um grande ícone do movimento o DJ Afrika Bambaataa, propondo acabar com diversos problemas dos jovens que residiam nas adjacências, em especial a violência.

Deram início então, a organizar eventos que se denominavam “batalhas” não violentas entre as gangues com um objetivo pacificador. Essas batalhas eram compostas em competição artística de grupos ou individuais. A partir do envolvimento da Zulu Nation como um grupo organizado, passamos a abordar a cultura Hip Hop enquanto movimento cultural, repercutindo no mundo de forma democrática e inclusiva.

Segundo Leal (2007, p. 14), “O hip-hop como manifestação de cultura de rua saiu, nos primórdios dos anos 70, dos guetos nova-iorquinos para o mundo.”. Conforme o autor, o Hip Hop foi originado como cultura de periferia e nessa época os Estados Unidos sofria com uma grande dificuldade com a violência e o tráfico de drogas gerado pelas gangues que prevaleciam pelas ruas do país, deste período em diante o Hip Hop se mostrou como uma ferramenta de escape, não só para os jovens americanos, mas também para os jovens de todo o mundo.

Já para Bastos e Mendonça (In: ALVES & CARVALHO, 2009, p. 98), “O movimento Hip Hop teve início com a imigração dos jamaicanos para os Estados Unidos, mais precisamente na região do Bronx, em Nova York, no final dos anos 1960.”. Estes autores ressaltam o final dos anos 1960 como o início do movimento com a influência de jamaicanos que chegavam ao país em busca de novas oportunidades de vida, que tinham na rua o seu único espaço de lazer.

Ainda sobre a origem do Hip Hop aduz PIMENTEL (1999, p. 12), “Falamos dos guetos negros de Nova York nos anos 70, tempo e lugar onde nasceu o mais importante movimento negro e jovem da atualidade, o Hip-Hop.”. Mais um autor que destaca a presença e importância do jovem negro no movimento cultural Hip Hop, tendo os Estados Unidos como berço de uma cultura que chegou para fazer a quebra de paradigmas, rompendo muitos preconceitos, dando voz para as reivindicações contra os conflitos sociais que enfrentavam naquele período.

A partir do fim da década de 70, o Hip Hop começou a se consagrar, foi quando este obteve grande sucesso e reconhecimento, que conseqüentemente, foi tornando como uma legítima e verdadeira ação política e social dentro das periferias, além de invadir partes do mundo, fez com que muitas comunidades

se espelhassem neste movimento. Com a ideia de se prezar pelas informações, os adeptos foram tomando conhecimento de vários assuntos para ficar cada vez mais politizados. Foi através dos quatro elementos do Hip Hop, o MC, o DJ, o Grafite e o Break Dance, que iniciou a discussão contra diversos temas de sua realidade.

Por volta do fim dos anos 70 e início dos anos 80, a mídia brasileira passa a investir no estilo Hip Hop, que desencadeou do Black Power, sendo Tony Tornado e Gerson King Combo os precursores, os quais lembravam bem o James Brown, só que numa versão bem abasileirada. Foi a partir daí, em meados dos anos 80, onde tais estilos abalavam nas casas de shows das grandes capitais brasileiras que o movimento Hip Hop foi se adequando, sobretudo, por jovens negros e carentes, com o intuito de levar seus discursos e protestos à sociedade, contra a exclusão social, o preconceito racial e as adversidades econômicas.

Segundo Bastos e Mendonça (In: ALVES & CARVALHO, 2009, p.100) “O hip-hop chega ao Brasil, por intermédio da dança de rua, primeiro em São Paulo.”. Por volta de 1983, o Hip Hop foi tomando seu espaço no centro da cidade de São Paulo através da dança de rua, que chamava muita atenção com seus passos influenciados do funk, soul (*Figura 5*) e encontros que inicialmente ocorriam na 24 de maio e imediações, onde eram realizados os chamados bailes Blacks Powers.

Figura 5 - Baile Black Power do Palmeiras nos anos 70



Fonte: Print Screen do Documentário do Marco Zero (2015)

Esses encontros do Baile do Palmeiras que aconteciam nos anos 70 em São Paulo, foi de extrema importância para o ponta pé inicial do Hip Hop no Brasil e de acordo com Nelson Triunfo, cita a respeito desse baile em documentário Marco Zero (2014), “Mas isso aqui, mano! É a fusão, isso aqui é a fusão dos bailes blacks, da época dos grandes bailes do Palmeiras anos 70. Era uma ideia que a gente nem sabia que futuramente ela ia se concretizar de uma outra linguagem.”. Essa “linguagem”, a qual se refere o Nelson Triunfo, explica a transição dos bailes Blacks como uma manifestação autêntica do orgulho negro que caminhou para a materialização do movimento Hip Hop. O mesmo relata como se deu a composição da cultura Hip Hop naquele momento, onde um grande grupo de negros se reuniam próximo ao Viaduto do Chá na cidade de São Paulo, ligavam o som dos Opalas e deixavam tocando o clássico Soul. O Nelsão, como é chamado por seus colegas, criado em Pernambuco em meio ao Frevo e Maracatu que são referências de dança e manifestações de rua para ele, quando chegou em São Paulo nos anos 70 se reunia com o pessoal dos Blacks Powers para curtir o Soul. Em 1983 o estilo Soul foi ficando remoto por causa do estouro das discotecas, em sequência um inédito estilo de dança inicia-se pelas ruas de São Paulo, chegando inteiramente do bairro do Bronx da cidade de Nova York nos Estados Unidos, espalhando-se em continuação de um movimento iniciado para questionar valores, humanizar as regiões, propor

escolhas aos moradores de periferias, subúrbios ou comunidades que estavam à mercê das diferenças econômicas da sociedade. Mas também, foi muito importante a continuidade dada ao movimento que se consagrou nos Estados Unidos sem perder sua essência, preservando sua ideologia aplicada e adaptada para todas as partes do mundo (LEAL. 2007).

Figura 6 – Apresentação na 24 de Maio nos anos 80



Fonte: Print Screen do Documentário Marco Zero do Hip Hop (2015)

A *figura 6*, foi um registro de uma das manifestações do Hip Hop no início dos anos 80, ocorrido no Brasil nas imediações do centro de São Paulo, mais precisamente na rua 24 de Maio, por intermédio do Break Dance faziam suas performances como atuantes B.Boys ou Break Boys, que são os dançarinos de Break Dance. Esses dançarinos chamados de B.Boys, saiam dos bailes e iam ocupar as ruas, numa época onde o Brasil ainda estava passando pelo processo de redemocratização, desafiando a ditadura e fazendo valer o amor pela cultura. Os policiais sempre os abordavam com a justificativa que aquela atividade era caracterizada como vagabundagem e teriam que ser encaminhados a delegacia, no entanto, Nelson Triunfo tentava argumentava todas as vezes, esclarecendo aos policiais que ali não havia bandido, que eles eram artistas de rua. Com a explosão da cultura Hip Hop no Brasil, o movimento foi se espalhando, conquistando muitos jovens que em sua maioria eram negros, por diversos estados e cidades de todo o país. Em nível local, o movimento chega no interior

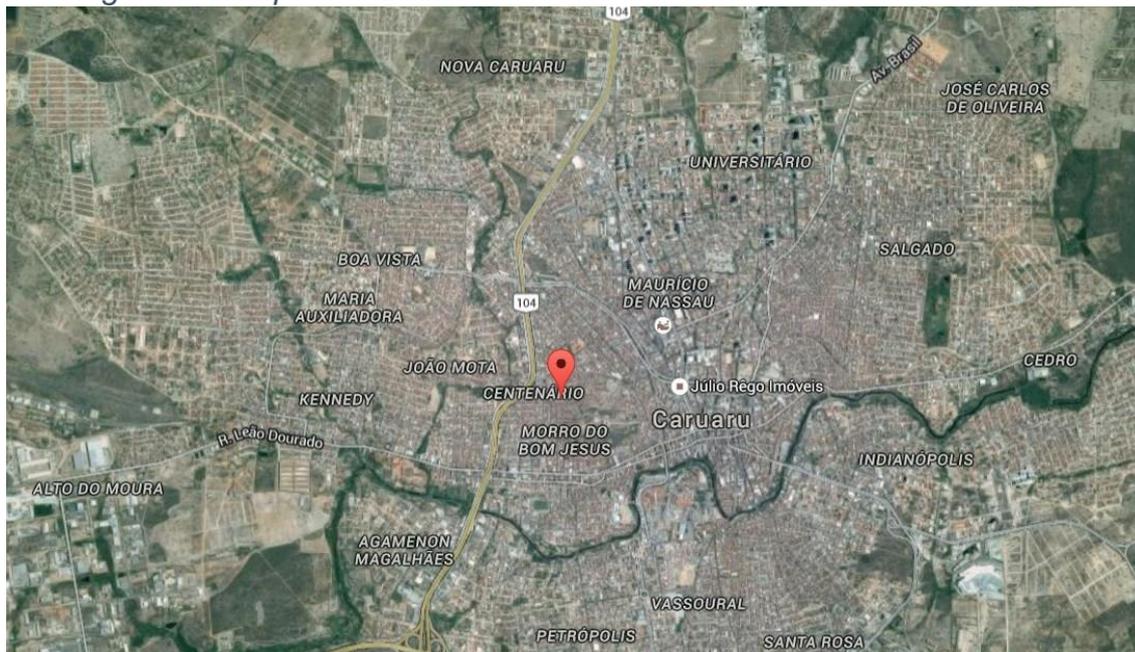
do estado de Pernambuco, na cidade de Caruaru se deparando com um cenário típico de periferia.

1.1 Hip Hop na Cidade de Caruaru

O Morro do Bom Jesus e Centenário (Figura 7) são bairros vizinhos, encontram-se localizados na cidade de Caruaru no Agreste pernambucano, que segundo o site de notícias G1 (2013), publicou uma notícia de que estes bairros são considerados extremamente violentos, tendo como perfil social dessas comunidades uma enorme parte de desempregados ou de indivíduos que têm como renda a atividade informal que depende integralmente da economia popular da Feira de Caruaru. Geograficamente, Caruaru é tida como a cidade central da região nordeste, promovendo assim uma decorrência melhor da produção e do comércio.

A Feira de Caruaru é constituída por diversas feiras, sendo feira de frutas e verduras, feira de roupas, feira sapatos, feira de artefatos eletrônicos, feira de artesanato, entre outras. Nesta feira é possível encontrar tudo o que se imagina, característica essa que a torna famosa por sua diversidade em produtos, a quantidade de pessoas que circulam nessa feira é enorme, tanto de pessoas que vendem, quanto de pessoas que compram. Contemplam pessoas de diversos lugares, país para comprar neste local e em consequência disso, torna-se Caruaru uma cidade de potência econômica, onde também corrobora para a atividade do turismo, se tornando muito famosa. Acaba se consagrando como uma grande atração, promovendo assim, a movimentação econômica em toda cidade, atingindo também as cidades vizinhas que contribuem com a produção em diversos setores mercadológicos.

Figura 7 – Mapa dos Bairros Centenário e Morro do Bom Jesus - 2015



Fonte: Print Screen do Google Maps (2015)

Segundo Alves (2005, p. 41), “Trata-se de jovens de classes populares, entre 13 e 24 anos de idade, com escolaridade incompleta, a maioria está na quarta série do ensino fundamental I.”. Essas pessoas moram numa área onde existe a precariedade de acesso a assistência dos serviços públicos como o saneamento básico, a educação, a saúde, a segurança e tantos outros serviços, muitas vezes privados do direito à cidadania. Mesmo vivendo nessa pobreza, os jovens que residem no Morro do Bom Jesus e bairro Centenário, usufruem da sagacidade adquirida pelo empirismo para ter a sensibilidade de distinguir como alguns grupos sociais os separam por tratamento diferenciado, como se a estética presente fosse um alarme, muitos acham que é por causa da cor da pele negra ou parda, do estilo de roupas folgadas que vestem, da forma como se expressão ao falar, chamando a atenção assim que entram no campo de visão julgadora da sociedade.

Essa forma de estigmatizar, rotular esses jovens tem colaborado para acabar com as oportunidades de inclusão social e trilhar a independência econômica. Por estarem nesse tipo de ambiente social os tornam vítimas propícias da violência e o Hip Hop é uma saída alternativa da criminalidade, socializando e desenvolvendo talentos que até os mesmos desconhecem.

Assim como em Nova York criou-se a organização Zulu Nation, Em Caruaru os jovens sentiram a necessidade de se manifestar e formar um grupo organizado de Hip Hop chamado Família MBJ. De acordo com Alves e Alvim (2007, p. 4).

A família MBJ surgiu por volta de 2000 e 2002, conforme relatos de seus integrantes fundadores. Como organização dos jovens do Morro Bom Jesus e do bairro Centenário em Caruaru, Pernambuco, a família MBJ corresponde a um conselho diretor composto por 12 jovens integrantes do movimento hip-hop em Caruaru e tem a função de interlocutora do movimento hip-hop no Morro Bom Jesus e no bairro Centenário.

MBJ é a sigla dada a abreviação do bairro Morro do Bom Jesus, é bastante comum o uso de abreviações para denominar e identificar grupos, pessoas ou regiões, isto faz parte do dialeto da cultura Hip Hop. Em dezembro de 2002 aconteceu um evento de Hip Hop no Centro de Convenções na cidade de Olinda em Pernambuco, com atrações de São Paulo havendo shows de Rap, exposições de Grafite, competições de Break Dance, enfim, um intercâmbio cultural de proporções que o estado inteiro estava envolvido, ficando registrado a participação do grupo de Break Dance que estava anexado à Família MBJ, o grupo Centenário Força Break.

Figura 8 – Premiação de 3º lugar da equipe Centenário Força Break em 2002



Fonte: do Autor (2015)

A figura 8 é uma recordação da primeira participação do grupo de Break Dance, o Centenário Força Break em um evento de Hip Hop, promovido pela organização Recifense, a Brigada Hip Hop, valendo título estadual de disputas em equipe e em individual, que aconteceu em dezembro de 2002 no Centro de Convenções em Olinda, com o grupo Centenário Força Break que fazia parte da Família MBJ, representando a cidade de Caruaru, em seu desempenho na classificação geral conquistou o terceiro lugar em equipe. Na fotografia estão posicionados em formação da direita para a esquerda: Junior, Driano, Nonô, Helena, Ivan e agachado o organizador do evento Moisés Alexandre.

A precisão de ter o movimento na comunidade se deu pela problemática questão social ali convivida pelas pessoas, como forma de chamar a atenção dos órgãos responsáveis, existiam alguns grupos de Rap que produziam algumas músicas como forma de expressão e protesto, mas eles se mantinham separadamente, geralmente em dupla ou no máximo trio, independentes e sozinhos, dessa forma não tinham representatividade e não conseguiam atingir muitos ouvintes, nesse intuito reuniram jovens que tinham o objetivo em expandir suas reivindicações, suas mensagens, sendo ela através do Rap, do Grafite ou do Break Dance, mas como um conjunto ou uma organização, então foi proposto

para alguns jovens que atuavam em áreas distintas da cultura Hip Hop e assim formaram a Família MBJ.

O Morro do Bom Jesus é um bairro que pode ser visto de várias partes da cidade, é até um cartão postal da cidade nas épocas de festividades juninas, poderia ser o ano inteiro, se não fosse o índice de marginalidade e violência, que torna essa parte da cidade intimidante, com o bairro Centenário sendo acesso para o Morro do Bom Jesus, é um percurso facilitador para o desenvolvimento de ações ilícitas, pois esta localidade se torna considerada perigosa por questões de tráfico de drogas, havendo muitas vezes confrontos com a polícia, rixas com jovens de outros bairros. É um lugar violento até durante o dia para os visitantes e para as pessoas que vivem lá, estando tão óbvio que é a representação da exclusão social para os jovens que lá moram, sendo taxados de criminosos, dificultando muitas vezes de conseguir uma oportunidade de emprego. Porque para parte da população ali, é comum que se tenha relação com a criminalidade, e isso é um estereótipo muitas vezes até tolerado, como se fosse motivo suficiente a localização onde residem estivesse afetado o caráter das pessoas.

Sendo assim, como Alves (2005, p. 41) apresenta:

É difícil não admitir que parte deles já teve algum tipo de envolvimento com a criminalidade, mas é igualmente difícil aceitar que, o simples fato de serem economicamente pobres e de favela, seja o suficiente para serem rotulados como bandidos ou criminosos.

Este estereótipo que é apontado para maioria de pardos e negros, sendo logo associado a suburbano, periférico, favelado e tantos outros adjetivos que inferioriza esses jovens, muitas dessas pessoas têm orgulho de ter nascido na “favela”, dinheiro, status social não define ninguém, é relativo querer determinar a capacidade das pessoas se baseando pela condição de vida. Assim como a maior parte dos adeptos pensam que o alto escalão ou pessoas que tem um poder aquisitivo maior, recusam aceitar a possibilidade de um jovem da periferia estude ao ponto de ser um profissional ou empresário a nível e até melhor que seus chefes, acreditam que querem que eles estudem, sejam bons, façam

cursos, mas apenas como operários ou mão de obra bruta capacitada. Se sentem desestimulados, com a consciência de como se precisam percorrer o caminho duas vezes mais que uma pessoa de classe média alta, pois sendo um jovem de periferia o básico como a educação de qualidade é um direito privado e esta percepção de que não passam de uma “matéria prima sem valor” (TADDEO, 2014).

Ainda assim Alves e Alvim (2007, p. 5).

O hip-hop foi, por assim dizer, o instrumento catalisador das potencialidades desses jovens pelo fato de agregar valores que vão desde a percepção da identidade cultural, como fator de conhecimento, até justiça social, como elemento de distribuição.

Como o Hip Hop na forma de influente e estimulante que transforma muitas vezes um indivíduo, possibilitando aos jovens serem participativos nas questões da periferia, envolvendo toda comunidade, que por sua vez se sentem representados pela cultura. Sendo os próprios, porta voz e canal de transmissão na forma de chamar a responsabilidade do “sistema”, um dos termos usados por eles para se referir aos órgãos que competem, ou seja, governantes ou autarquias administrativas do dinheiro e dos patrimônios públicos.

A globalização é um processo que não é recente, mas a velocidade e algumas propriedades como a diminuição do percurso do tempo proporciona uma nova extensão que se integra com a economia, a política, a cultura e a tecnologia; conecta as pessoas por fatos ocorridos em lugares diferentes do mundo. Este processo permite o aparecimento e a aproximação de novas identidades culturais, ocorrendo a possibilidade de trocas culturais, o que faz tornar sujeito construído por muitas culturas, ou seja, multicultural. Sendo assim a globalização a causadora da decadência e da desconstrução das identidades locais. Ciente disso, a identidade cultural, geneticamente não está ligada a nós, mas convivemos com ela como se fizesse parte de nossa essência, não nascemos com ela, porém quando nascemos somos moldados para tais costumes que adotamos a formação e transformação de representação como parte da nossa natureza. De acordo com Maffesoli (1996), a identidade cultural se configura de modo semelhante a identidade pessoal que é capaz de conservar ou alterar a maneira de viver através daquilo que pessoalmente lhe

atraí como juízo de valor simbólico ou emocional. Não se reduzindo somente as áreas das ideias, se incluindo com as condições tecnológicas, materiais, econômicas e sociais.

Para Laraia (1986, p.25), “Cultura é um todo complexo que inclui conhecimentos, crenças, arte, moral, leis, costumes ou qualquer outra capacidade ou hábitos adquiridos pelo homem como membro de uma sociedade”, o conceito de cultura está envolvido por um sistema de informações para compor a consideração de cultura, que busca suporte em outras áreas para se compreender o contexto.

O movimento Hip Hop como cultura que se consolidou em solo americano, chegando ao interior de Pernambuco para a cidade de Caruaru, onde tem as raízes do forró como sua marca, se fortaleceu através da autonomia e da identidade local para construir uma nova linguagem, transpondo sua essência inicial para as significações regionais, numa combinação atribuídas pelos adeptos que posteriormente seria a referência de identificação do Hip Hop caruaruense, conseguindo ser reconhecido e ganhando seu espaço na cena.

A cidade Caruaru, tem uma diversidade cultural muito grande que está frequentemente presente no cotidiano do imaginário popular, não poderia deixar de falar do artesanato em barro, do forró, da gastronomia, e é claro, da famosa Feira de Caruaru, onde na verdade é mesclada por várias feiras nesse espaço cultural, se tornando por muitas vezes o foco de distribuição e comunicação, com grupos de compradores que vem de diferentes partes do Brasil, para prestigiar o grande número de diversidade de mercadorias disponíveis; a qual, implicitamente se tornou a referência cultural da própria cidade. Neste ponto de vista, Hall (2000) destaca em suas discursões a relação de como surge a identidade a partir do movimento que o fenômeno da globalização ocasiona nas populações e culturas em todo o mundo. E ainda assim para Hall (2000, p. 109) “as identidades são construídas dentro e não fora do discurso”, acontecendo assim para o movimento Hip Hop em Caruaru, que se apropriou da cultura, incluindo o discurso regional, valorando e trazendo para suas produções as significações presentes como multiculturais.

Hall (2000) inicia uma reflexão para a identidade como unidade/homogeneidade que o termo carrega, citando Laclau (1990, apud Hall, 2000), contribuindo de forma esclarecedora no percurso dessa pesquisa de como se dá a construção de uma identidade estando fundamentada na exclusão de algo, assim como ocorre no perfil da cultura Hip Hop, com objetivo de fundar através de manifestações criando-se um forte conjunto de hierarquias atuantes entre os polos resultantes. Sendo assim, os mesmos meios humanos que são aptos de armazenar e adquirir informações, são os que dão competência ao intelecto humano para a abstração, se desenvolvendo nos meios mais objetivos de relacionamento com o espaço, por meio do simbolismo e da significação.

Hoje em dia, entretanto, mostrar-se no nosso cotidiano as mensagens e comunicações que se expõem de maneira imaterial. A passagem da matéria para a linguagem, ao mesmo tempo em decorrência da sua percepção, distingue o progresso experimentado pelos pensamentos de teóricos do design e de outras áreas, assim como, a de uma teoria comunicativa com a identidade cultural.

O estilo pessoal do movimento Hip Hop é uma conversação entre a performance e a atitude criativa da performance. Sendo observado esse comportamento expressado através da estética em sua indumentária e também no comportamento como expressão, visto assim, com Richard (2005, p.35) “Os adeptos ao movimento adotam um estilo próprio de vestimentas: calças big em numeração bem maior que o tamanho real da cintura, camisetas enormes, tênis grandes e largos, cadarços desamarrados e bonés”, assim o autor apresenta o estilo pessoal como um discurso implícito a ideologia da cultura, onde também podemos interpretar como uma comunicação visual aplicada ao estilo, como Munari complementa (2006, p. 65) “a comunicação visual pode ser livremente interpretada por quem a percebe, seja ela uma mensagem científica ou estética, ou de outro tipo.”. Pois a estética é aberta para explicações de forma subjetiva aos olhos do observador, a liberdade de distinção se torna bem particular.

Acontecendo isso na importância do estilo pessoal para os adeptos do Hip Hop, onde o sujeito não precisa necessariamente seguir uma certa tendência, pois carrega consigo as influências de outros costumes como os africanos, latinos, americanos e sem esquecer também da identidade local em que a cultura

se aloca, que de uma forma ou de outra, acaba sendo moldada aos costumes nativos.

1.2 Hip Hop e Cultura Pop

Para abordar a relação do Hip Hop com a Cultura Pop, deve-se compreender o conceito dado a Cultura Pop e algumas de suas definições. De acordo com alguns autores, faz-se entender o contexto em que esta cultura se insere e como dialoga nesse ambiente, que está em constante transformação. Dito isto, Khumthukthit (2010, p. 59) define Cultura Pop deste modo “A cultura popular (popular culture) ou a cultura pop (pop culture) é a cultura vernácula – isto é, do povo – que existe numa sociedade moderna.”. Neste sentido a Cultura Pop e a Cultura Popular são usadas com o mesmo sentido, conceituadas como um artefato cultural que é direcionado ao público de massas.

Sendo assim, Velasco (2010) explica que cultura pop vem do diminutivo de popular, sendo usado para indicar várias coisas tornando assim o seu conceito difícil e que não é algo imutável.

O pop está ligado a movimento, sensibilidade e possui características agregadoras. Além disso, ele se conjuga, de modo a criar novos sentidos. Ele pertence à cultura global, sem a uniformização do movimento de transnacionalização econômica, financeira, comunicacional e cultural. Uma cultura de consumo que comporta, ao mesmo tempo, a massificação e a segmentação, a contestação e a afirmação do *status quo*, o profundo e o superficial, o sofisticado e o *kitsch*.

Esta sensibilidade que Velasco (2010) fala, é baseada no poder de mutação que as origens populares cultura se permite. Em geral, os autores Velasco (2010) e Khumthukthit (2010), usam o termo “Cultura Popular” exatamente para assinalar na forma íntima de uma cultura conhecida. A cultura popular nesta concepção é diferente tanto do folclore, quanto da alta cultura. É distinta da alta cultura, porque a Cultura Popular é consumida em massa, ou

seja, pela maior quantidade possível de pessoas. É separada do folclore, pois a cultura popular é produzida em massa.

Tendo este conhecimento prévio a respeito das distinções e variações da Cultura, pode-se notar que a Cultura Pop tem como fonte elementar, as mídias sociais, como os meios de comunicação de massa e os veículos de divulgação. Ela tem alcance para as atitudes e pensamentos dos envolvidos, de todos que fazem parte, sem distinção de níveis sociais, atingindo da classe A à D. Este poder que a Cultura Pop possui, pode-se dizer até que ela é uma formadora de opinião, pela abrangência que é adquirida.

Sendo assim, temos o entendimento que na ascensão do desenvolvimento, as pessoas que vivem em um determinado lugar se articulam com uma finalidade. Ou seja, quando associada ao movimento Hip Hop que tem forte influência no discurso do pensamento contemporâneo, caracteriza-se de forma organizada para descobrir possibilidades que favoreçam as mudanças sociopolíticas, proporcionando melhores condições de vida para população. Assim, quando falamos nas exterioridades culturais como características de uma região ou um povo, logo, deve-se entender estas atividades e estas significações como aspectos representados.

No entanto, podemos dizer que são os símbolos da Cultura Popular, onde os indivíduos a partir de suas afinidades sociais estabelecidas para com essa cultura. A respeito disso, Medeiros (2007) descreve sobre a respeito da conexão que o indivíduo elabora para com suas representações simbólica.

Na cultura popular, o povo realiza esses processos de representação, reprodução e reelaboração simbólica, compartilhando as condições gerais de produção, circulação e consumo do sistema em que vivem. A questão decisiva para a compreensão da cultura popular consiste em fazer a sua conexão com os conflitos de classe e com as condições de exploração, sob as quais estes setores produzem e consomem daí o seu caráter conflituoso. (MEDEIROS, 2007, p. 84-85).

Esta reflexão nos permite compreender como a Cultura Popular assim como a Cultura Hip Hop, tem intensas raízes nas condições históricas, sociais, econômicas e políticas de suas origens, sendo mediadora dos conflitos no processo de comunicação nas expressões.

1.3 A Tribo Urbana

Começando pelo simples estar junto com os colegas, amigos, colegas ou conhecidos e pode-se dizer, que este ato se toma com valor e complexidade, que as emoções e os afetos sociais percorrem nesse contexto em que o movimento Hip Hop se engaja. A pós-modernidade (séculos XX e XXI) desabrocha indivíduos confusos, que se expressam por meio da teatralidade do cotidiano, da emoção dramática de sua existência. Nas redes sociais da internet, como Maffesoli (1998) aponta, emergem novidades nos meios sociais, outros modos de estar junto, de fazer parte, fundamentadas agora no que o pensador Maffesoli (1998) passa a chamar de o pacto emocional.

Maffesoli (1998) marca a noção de egrégora, que é uma manifestação do espírito coletividade comum, ou seja, que transcende o eu. O autor aponta a ideia de climatologia, fala dos localismos ou vapores reais e vapores irrealis que seria os lugares simbólicos, sendo propagados por meio das preferências, das ambiências, das comunidades tribais. Ainda Assim, Maffesoli (1998, p.35) aduz que, “As atmosferas, os vapores do céu, crenças e terra compartilhados pela tribo, é isso mesmo que, para além do contrato racional, vai privilegiar o pacto emocional”.

Em relação a isso temos então a ciência de tribos (MAFFESOLI, 1998), os pequenos grupos (tribos) que nesse instante reúnem sujeitos em quantidade. O autor expõe aí três atributos para o fenômeno das tribos: o *localismo*, o *compartilhamento de opiniões* e o *retorno da figura da criança eterna*. No entendimento que a *criança eterna*, carece do suporte do elemento maternal, entrando aí, a ideia de penetração de uma estrutura, no sentido que abrange a circulação incontrolável das coisas do mundo. Sendo assim, se dispor em

sintonia com as cadências do devir, é um descansar que vai colidir ao ideal avanço, é o progressismo.

Na Cultura Hip Hop, é comum o comportamento de que os adeptos tenham a convivência em bandos ou como Maffesoli (1998) define, em tribos. Pode-se observar que são sempre vistos em bandos ou grupos de três ou mais indivíduos. Seus encontros na comunidade, nos eventos, os gostos musicais, os costumes, os hábitos. Em sua maioria é caracterizado como um fenômeno juvenil que a cada dia cresce mais, essas tribos falam muito sobre cada indivíduo, é neste momento da juventude que os jovens procuram se encaixar, onde opiniões são formadas e escolhas são feitas, sendo muito importante para a formação de amizades onde possa ter pontos de vista a ser compartilhado. Onde o comportamento de individualismo é trocado pela precisão de se identificar com um determinado grupo. A relação do aparecimento desses novos grupos não diz respeito sobre o surgimento de uma nova cultura, mas da sua mutação como aspecto determinante, o aparecimento de bandas de música, grupos de dança ou equipes de esportes é mostrado como um atributo que caracteriza o nosso cotidiano, a realidade da nossa sociedade.

Dito isto, o autor Maffesoli (1998, p. 112) enfatiza assim o valor dos encontros tribais, “Daí a importância que ele confere à consciência coletiva ou a estes momentos específicos (festas, ações comuns) através dos quais tal ou tal sociedade vai fortalecer “o sentimento que tem dela mesma”.”. A convivência em conjunto é um elemento de fundamental importância para que se compreenda as tribos urbanas do mundo. O sujeito não pode viver sozinho e isolado, ele está unido pela comunicação, pela cultura, pelo lazer, por uma ideologia ou uma comunidade, que aqui é interpretada como tribo.

O movimento Hip Hop relacionado nesse contexto em que o pensador Maffesoli (1998) expõe, não é uma consequência dos reflexos da sociedade, e sim os seus aspectos que os adeptos conseguem por meio do movimento Hip Hop se posicionar socialmente, fazer notar aquilo que eles denunciam. Pois o conceito de socialização advém das experiências que se ajusta no tamanho da sensibilidade e da afeição, das vivências próximo do que constrói a comunidade, onde a valorização do grupo é a desconstrução do individualismo.

Deste modo, vemos à impregnação do princípio de individualismo, com as inevitáveis decorrências da economia que resultam daí. Por outro modo, podemos ver como se projeta o desenvolver da comunicação, esse processo que consente verificar que a multiplicação dos microgrupos que só é compreensível numa totalidade orgânica, onde as tribos e a massa caminham juntos, sendo a massa um conjunto de grupos sociais.

Capítulo 2 Metodologia de Pesquisa

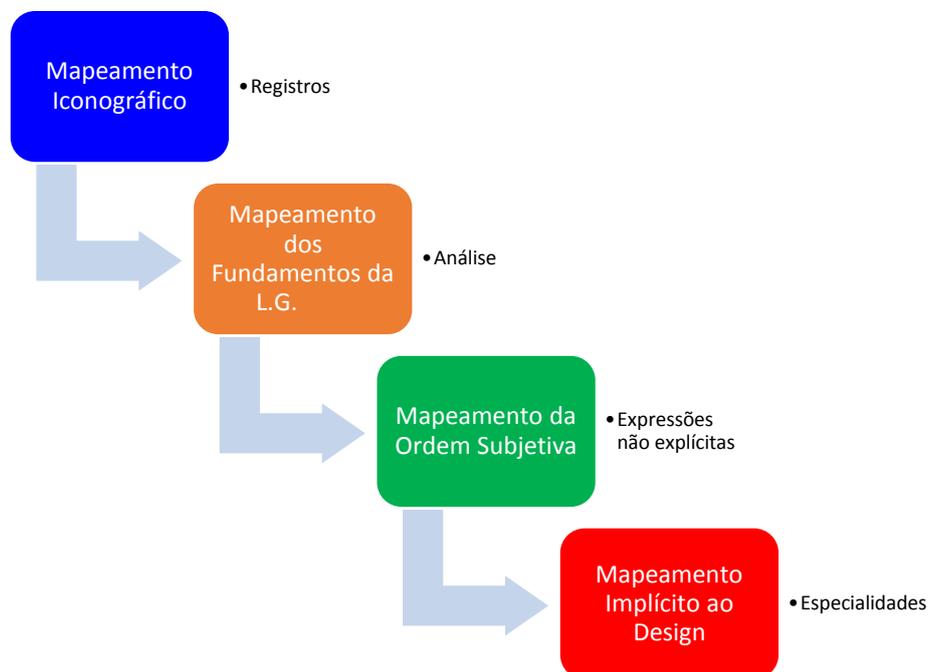
A aplicação da metodologia desta pesquisa foi realizada em cinco eventos de Hip Hop e em mais cinco ensaios dos grupos onde haviam reuniões, em Caruaru e cidades circunvizinhas, utilizando neste processo de investigação a aplicação do Modelo Exploratório de Intervenção do Design – MEID, que tem como caráter qualitativo, exploratório e experimental (LOPES, M. T. 2013), tendo em vista, o desafio de acompanhar de forma participativa e ativa na exploração dessa temática, que muitas vezes, é um alvo de aversão, por ter suas origens e desenvolvimentos culturais nas áreas de riscos, ocasionando constrangimentos por abordagens policiais e até mesmo, presenciando inusitadas situações que são traduzidas como dados estatísticos. No entanto, essa visão participativa e realista é uma das formas que viabiliza a finalidade desse estudo, que é analisar e esclarecer conceitos interpretados na coleta de informações que anteriormente estavam definidos, mas que vem se transformando no decorrer do tempo, não porque ela se modifica, mas porque a cultura adquire novas características através da realidade em que está inserida, seja em relação ao tempo ou espaço (ambiente). Buscando assim, descobrir meios que esta metodologia estabelece um caminho entre a cultura e o design, para distinguir as relevâncias no intuito de contribuição acadêmica para o âmbito do design e áreas de interesse para este estudo.

2.1 *Aplicação do MEID (Fase 1)*

Como base de interpretação e articulação para compreender a construção dos significados dos quatro elementos da cultura Hip Hop, sendo eles: o DJ, o MC, o Grafite e o Break Dance, que foram estudados na condução dessa pesquisa. Partindo de informações atribuídas do design, que está para adicionar conhecimentos em diversas áreas de aplicação, provocando o olhar observador e questionador para com as realidades de fato encontradas pela trajetória registrada através de entrevistas, questionários e registros audiovisuais. Foi usado a Fase 1 do MEID, consistindo em quatro etapas de mapeamentos:

Mapeamento Iconográfico, Mapeamento dos Fundamentos da Linguagem Gráfica, Mapeamento da ordem Subjetiva e Mapeamento Implícito ao Design.

Gráfico 01 – Detalhamento do MEID



Fonte: Lopes, M. T. 2013. Adaptado pelo Autor

No gráfico 01, está explicando de forma simples e objetiva as quatro fases em que o MEID percorre, bem como será aplicado nessa pesquisa, possibilitando a compreensão estruturada de um diálogo entre o pesquisador e o objeto de estudo, neste caso, a cultura Hip Hop caruaruense. O que proporciona para a pesquisa uma dinâmica sobre os aspectos observados e as relações de abordagem sistemática, contribuindo com o embasamento argumentativo e discursivo desenvolvido dentro destas perspectivas supracitadas.

Entretanto, não poderia deixar de ressaltar que ao pesquisar sobre cultura, seja qual for o âmbito em que ela se encontra, deve-se abstrair dos conceitos pessoais para que não haja interferências nos resultados. Deixando a reflexão com as questões da realidade e das obrigações em que o Design contempla, funcionando como um condutor de formação do olhar cultural resultante por mudanças e reestabelecer novos indivíduos em um reposicionamento cultural.

Tabela 1 – Quadro de resumo do MEID

Fase 1 – Mapeamentos	
Atividades	Objetivos
1. Mapeamento Iconográfico:	Visitas em eventos de Hip Hop com registros audiovisuais, fotográficos, entrevistas e questionários.
2. Mapeamento dos Fundamentos da Linguagem Gráfica:	Aqui foi feita uma seleção das imagens registradas para desenvolver o discurso visual a partir dos fundamentos da linguagem gráfica.
3. Mapeamento da ordem Subjetiva	Com base bibliográfica foi desenvolvido as considerações do discurso, do imaginário, da materialização e do espírito do tempo.
4. Mapeamento Implícito ao Design	Para esta etapa foi utilizado bases bibliográficas para elaboração dos conceitos de especialidades do design, a cultura, a economia, a tecnologia e o meio ambiente.

Fonte: Lopes. 2013. Adaptado pelo Autor

Capítulo 3 Análise dos dados

A cidade de Caruaru como ponto inicial para a investigação dessa pesquisa, é contemplada pela sua diversidade cultural, em destaque o Hip Hop, uma entre tantas outras culturas e manifestações que podem ser deparadas neste “país de Caruaru”, como é chamada pelos artistas locais. A partir do MEID será possível construir um diálogo nos campos do design, para a realidade estudada e possivelmente para outras áreas de caráter científico. A cultura Hip Hop chama a atenção com seus encantos expressados por meios de manifestação, podendo ser observado também o modo como as comunidades do Morro Bom Jesus e Bairro Centenário, acolhem e incentivam esta prática, sendo a válvula de escape para os esquecidos, como se sentem perante os governantes da cidade.

Quando ao falar do Hip Hop, automaticamente está se referindo aos quatro elementos o DJ, o MC, o Grafite e o Break Dance em atuação. Seja esta atuação artística ou social, dando sua parcela de contribuição e conhecimento para os que anseiam prestigiá-la. Aplicando a partir daqui o **Mapeamento Iconográfico**, com os questionários, as entrevistas, os registros em fotos e vídeos detalhando todos os espaços que foram possíveis acessar para compreender esses aspectos.

Figura 9 – Performance Hip Hop



Fonte: do Autor (2015)

De acordo com entrevistas feitas com membros ativos do Hip Hop caruaruense, o surgimento do movimento no interior pernambucano foi em meados do fim dos anos 80 e início dos anos 90, relata o DJ Nino “O Hip Hop caruaruense surgiu no finalzinho dos anos 80 e começo dos anos 90, em 2000 e foi uma febre aqui na comunidade... com isso sentimos a necessidade de criar nosso grupo de Hip Hop a Família MBJ.”. DJ Nino foi um dos pioneiros do Hip Hop em Caruaru, um morador que se tornou uma figura muito conhecida pela população, sendo chamado por muitos habitantes de “Nino do Rap”.

Iniciando com as fases de **Mapeamento Iconográfico** e logo em seguida fazendo o **Mapeamento da Linguagem Gráfica**, onde são sintetizados os materiais capturados nas visitas como: texturas, cores e tipografias. Sendo assim, (LOPES, M. T. 2013) explica-se que pode ser montado um banco de informações com as principais abordagens a partir dos fundamentos da linguagem gráfica do design.

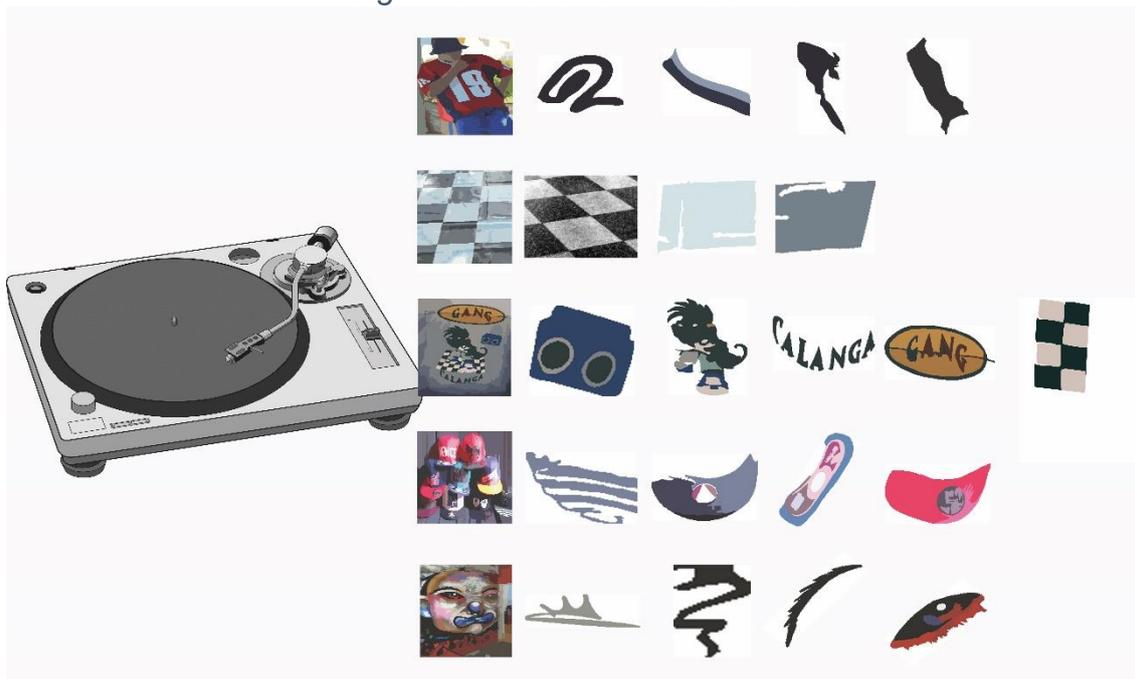
Figura 10 – Cartela de Cores



Fonte: Color Adobe - Adaptada pelo Autor (2015)

As cores encontradas nessa análise são as exibidas logo acima (Figura 10), ainda assim nas performances foi observado que as cores têm um papel muito forte dentro da cultura Hip Hop, e em uma das entrevistas foi esclarecido por Jailson Santos, conhecido como B.Boy Style do grupo de Break Dance Gang Calanga, “As cores é como se representasse meu território, meu bairro, minha Crew. Onde chego pra competir a turma já sabe que o verde representa o grupo Gang Calanga”. As cores nesse momento estão associadas ao poder de representação não só pessoal, mas também, a equipe e região em que se encontra o indivíduo; concordando com Guimarães (2004, p.15), “Utilizaremos o conceito de cor na sua dimensão aplicativa, ou seja, a cor aplicada a algum objeto, seja ele corpóreo ou etéreo, material ou conceitual. Extrairemos a simbologia das cores sempre de alguma de várias de suas aplicações.”. Assim para o Hip Hop, as cores estão representando e informando a denominação do signo, que por sua vez, é interpretada através da nossa cognição em busca de transmitir e decodificar a informação atualizada.

Figura 11 – Cartela de Texturas



Fonte: do Autor (2015)

As texturas analisadas encontram-se logo a cima (Figura 11), tendo uma variação enorme em seus aspectos visuais e assim como Dondis (1991, p. 70) explica que “A textura se relaciona com a composição de uma substância através de variações mínimas na superfície do material.”, sendo assim, no material analisado nota-se que a superfície dos itens estão com pouca modificação da base em que se é aplicada a textura.

reconhecem como tais, e assim se identificam por causa de suas condições sociais.” (ALVES e ALVIM. 2007, p. 4).

Sabe-se que o movimento Hip Hop da cidade de Caruaru, no agreste pernambucano é composto por quatro manifestações artísticas, política, racial e social, por assim dizer; estes por sua vez, se expressão por si só, é um tipo de rebeldia expressada como manifestação fazendo parte do discurso de contracultura, levado como questionamento para sociedade. O modo de andar ou gesticular com as mãos e braços se torna tão característico que compõe o discurso visual dessas pessoas ao ponto de ser discriminado apenas pelo desempenho gesticular com que o indivíduo atua perante muitos na sociedade.

Figura 13 – Expressões



Fonte: do Autor (2015)

Na *Figura 13*, as expressões de “marra” como eles falam, não relacionando com violência, e sim para intimidar os adversários nas competições, um modo

usado para se referir a uma pessoa com excelente alto-estima, que satiriza de bom controle entre amigos e admiradores.

No **Imaginário** do movimento Hip Hop em Caruaru é marcado pela preservação da essência do estilo James Brown e a filosofia de vida do auge nos anos 80, assim como as tradições locais como o forró pé de serra, o artesanato e demais manifestações artísticas da região, atrelando a aculturação mesclada por signos atribuídos aos conceitos regionais. Abaixo segue na *Figura 14*, uma personalidade do rap nacional que muitos adeptos em entrevistas e questionários mencionaram como uma de suas inspirações para execução das performances e envolvimento com o movimento Hip Hop, o Mano Brown da banda de rap Racionais MC's.

Figura 14 – Mano Brown / Racionais MC's



Fonte: Agito Total (2015)

As inspirações para contextualizar, executar e vivenciar as performances do Hip Hop. Para os MC's entrevistados houve uma surpresa ao perguntar: "Qual sua inspiração para cantar e compor suas músicas no Rap?". Como fosse de se esperar, assim como outros anteriores que responderam e falaram de conceituados Rappers como Eduardo Facção, Mano Brown da banda Racionais MC'S (Figura 14), EMICIDA, GOG, Sabotage, entre outros; Fábio e codinome "Preto RF", foi o responsável pela admiração em sua fala dizendo: "Minha inspiração pro rap vem do morro mesmo... de um cara negro como eu, pobre como eu... chamado Azulão, ele mesmo compõe suas letras e canta. Minha inspiração começa por ele.". Azulão (Figura 15) é uma pessoa muito popular na região conhecido como compositor e cantor do autêntico forró pé de serra.

Figura 15 – Azulão 2013



Fonte: Rede NetNews Cantores PE (2015)

De modo geral, o imaginário dos adeptos do Hip Hop está presente desde a sua forma mais subjetiva e poética em respostas como: "Minha inspiração vem de dentro, vai além do que imagino que poderia ir.... Me faz ver e reconhecer quem realmente sou, por dentro e por fora, e através do Hip Hop expresso o que meu coração está sentindo." (B.Boy Claudio). Ou em sua forma objetiva e física, estando aplicada à renomados artistas do movimento Hip Hop, assim como podemos observar nos relatos, "Michael Jackson revolucionou o cenário Hip Hop, na sua dança, na sua música" (Alface – Invertmon Crew). O deslocamento

onde as inspirações percorrem é imprevisível, o repertório em que cada indivíduo tem para desenvolver sua performance torna o processo de investigação ainda mais interessante.

A **Materialização** da cultura Hip Hop se faz implicitamente na realidade tornando palpável algo antes intangível, investindo de significados os artefatos e no Hip Hop tudo tem uma colocação catalizadora da sua realidade, onde há uma transposição de suas expressões e ideais em materialidade. Em seguida são exibidas algumas formas em que se manifestam a materialidade do movimento Hip Hop.

Figura 16 – Estilo



Fonte: do Autor (2015)

O estilo varia muito de adepto para adepto, onde há mais variações de estilo é no Break Dance, onde os dançarinos são muito livres para tomar como referências de caracterização visual, tanto para suas performances na dança, quanto para se caracterizar e se diferenciar de outros integrantes do movimento.

Figura 17 - Espaço



Fonte: do Autor (2015)

Está cada vez mais frequente a presença de manifestos em espaços urbanos, neste caso, essa prática da execução das performances em semáforos da cidade de Caruaru, se dá pela necessidade financeira em patrocinar os próprios custos com passagens para outras cidades e até mesmo estados, na intenção de participar em festivais de dança na categoria de competição.

Figura 18 - Intervenção



Fonte: do Autor (2015)

A intervenção do Grafite é uma prática comum em alguns lugares da cidade, no centro da Caruaru é mais comum a pichação. Esta intervenção foi realizada num evento de consciência negra, que reuniu muitos grupos urbanos.

Figura 19 – Valorização de Espaços



Fonte: do Autor (2015)

Com o crescimento do movimento Hip Hop em Caruaru, tem acontecido alguns eventos em locais estratégicos, como a Estação Ferroviária, onde antes só havia atividades em épocas juninas. Atualmente na última quarta-feira do mês, acontece um evento chamado “Quarta do Hip Hop”, que reúne os quatro elementos do Hip Hop.

O **Espírito do Tempo** está para compreender a relação que se dá entre o local e o global, do que era antes e do que é na contemporaneidade. As linguagens e significados podendo ser observadas de maneira semelhante. Claro que há uma releitura da cultura, os aspectos estéticos sofrem alterações assim como o ambiente. No trecho seguinte das figuras, podemos perceber a importância da estética aplicada no movimento Hip Hop e sua condução do retrô para a atualidade. E mesmo dentro da cultura Hip Hop os estilos utilizados pelos adeptos pioneiros causam empatia para os jovens adeptos, a valorização das músicas clássicas e autênticas do Hip Hop americano, se faz presente nesta passagem de tempo.

Figura 20 – James Brown, Paulão e Nelson Triunfo – Anos 80



Fonte: Print Screen do Programa do Jô em 2010. (2015)

Figura 21 – Grupo Força Break - 2002



Fonte: do Autor (2015)

Figura 22 – Apresentação para o quadro do Programa Moçada - 2015



Fonte: do Autor (2015)

Sendo assim, o espírito do tempo se faz presente na estética local, atribuindo o Hip Hop e o regional, na dimensão da cultura global e local, fazendo essa relação e trazendo para o regional, Agreste, Nordeste, Brasil. Esses adeptos buscam atrelar a riqueza cultural local com a do próprio movimento Hip Hop, numa mescla interessante do ponto de vista observador. Os jovens sentem orgulho de sua origem, de ser nordestino e poder se expressar sem perder a identidade local, dialogando entre a regionalidade e a globalização, assim como na *Figura 23*.

Figura 23 – Blecaut Rimador e Suspeito - 2013



Fonte: do Autor (2015)

Nesta fase de **Mapeamento Implícito ao Design**, será conduzida com os conceitos de especialidades do Design, onde será feita uma relação com o **Design**, a **Cultura** e a **Tecnologia**. Sendo assim, o Hip Hop se manifesta através do **Design Gráfico** utilizando elementos visuais como: grafismos, desenhos, signos ou imagens, como já foi mencionado do decorrer deste estudo. Se comunica com os adeptos e observadores estando ligado intimamente a cultura, sendo ela local, global ou se fazendo apropriada, como foi o caso da cultura Hip Hop no Brasil e na cidade de Caruaru.

Figura 24 – Análise do Design Gráfico - 2015



Fonte: do Autor (2015)

O que difere o movimento Hip Hop das outras culturas urbanas como pode ser observado aparentemente na Figura 25, é a estética e o comportamento social, a ideologia é algo que aproxima outras **Culturas** e grupos que se envolvem para prestigiar os eventos promovidos pelo Hip Hop. Dito isto, o fator estético que o Design proporciona dentro do movimento Hip Hop é onde forma a identidade que os deixa tão distintos e ao mesmo tempo, aproxima os adeptos para contatos com a diversidade de grupos ligando a tradição do Hip Hop a novos elementos culturais, agregando repertório, como por exemplo: os hippies, os skatistas e os adeptos as atividades circenses (Figuras 25 e 26), vistos nesses encontros que acontecem apresentações no espaço da Estação Ferroviária de Caruaru – PE, com a frequência de toda última quarta-feira do mês, chamado de Quarta do Hip Hop.

Figuras 25 – Hippies

Fonte: do Autor (2015)

Figuras 26 – Malabares e Skatistas

Fonte: do Autor (2015)

A **Tecnologia** usada para compor a cultura Hip Hop, se dá pelo uso de específicos equipamentos e acessórios que agregados a cena tem um poder significativo e representativo muito forte dentro de cada elemento cultural se relacionando como um projetor de sua comunicação.

Figura 27 – DJ e Sua Tecnologia



Fonte: do Autor (2015)

No caso do **DJ** que é responsável pela musicalidade nos eventos, o mesmo se porta neste caso de equipamentos eletrônicos como: dois toca discos (vinil), mixer com dois canais, fone de ouvido, estabilizador, notebook, caixas amplificadas. Tendo também um conhecimento prévio a respeito do manuseio desses equipamentos e técnicas específicas para desenvolver esta modalidade musical.

Figura 28 - MC e Sua Tecnologia



Fonte: do Autor (2015)

No universo do **MC** sua tecnologia está ligada ao microfone, pois é nele onde podem diretamente expressar suas ideias e opiniões a respeito da realidade com a grande responsabilidade do porte, proporcionando a reflexão a população carente de informação com conteúdo e com propriedade do que está sendo relatando em seus versos.

Figura 29 – Break Dance e Sua Tecnologia



Fonte: do Autor (2015)

Para os adeptos do **Break Dance** a tecnologia usada para desenvolver as performances é o tênis, além de proteger os pés, este pode-se assim dizer que faz parte da identidade desses indivíduos onde poder ter intervenções nos cadarços, como na *Figura 29*, onde os cadarços originais seriam na cor preta.

Figura 30 – Grafite e Sua Tecnologia



Fonte: do Autor (2015)

No **Grafite**, a tecnologia utilizada para realizar as artes materializadas é a tradicional tinta em Spray, que através dela é onde se manifesta a expressão de toda opressão que a população vive, refletindo a realidade das ruas em suas obras.

Capítulo 4 Considerações Finais

Concluimos com este estudo que a performance da cultura Hip Hop analisada, por meio dos fundamentos do Design Gráfico, para o entendimento e o modo como contribui para o diálogo na construção da sua representação deste grupo e dos seus envolvidos na cultura material social da cidade.

Esta contribuição acontece em múltiplos aspectos e principalmente, quanto à ideia de desenvolvimento local numa investida que considere a organização da cultura local conhecida, dos valores que crescem entre si nas maneiras de manifestações culturais.

E se fez necessário que pudesse ser analisado as formas, os cenários, os atores sociais e as consequências envolvidas em todo o processo que dificultava a compreensão do imaginário que contribuía na formação do olhar que mais adiante foi construída não só para propósitos acadêmicos, mas também para a reflexão social.

Foi presumível notar no modo em que as narrativas locais foram abordadas e de como as estimas obtidas ao longo do caminho conquistou um diálogo com os adeptos e com a pesquisa, facilitando uma conexão com o discurso produzido e relatado. Constatando à necessidade de organizar o comportamento visual identificado como significações deste grupo social no decorrer desta investigação, para que pudesse ser fundamentada a validação das informações coletadas para as áreas de conhecimento em que o tema e o Design se fizeram interdisciplinar.

A interdisciplinaridade deste estudo confere a ele o aprofundamento em diversas disciplinas tendo envolvimento da estética, criatividade, tecnologia, cultura, antropologia, comunicação, significação, entre outras. E assim, foi possível abranger diferentes áreas de conhecimento pela observação participativa de momentos representativos e explícitos nesta realidade.

A forma de como usar a sensibilidade para com o ser humano foi essencial para discernir e analisar a aplicabilidade dos conhecimentos concebidos e tomando ciência de questões sociais que se fizeram pertinentes para além do contexto desta pesquisa.

A cultura Hip Hop em Caruaru foi objeto de estudo nesta pesquisa e trouxe grandes contribuições para a compreensão de valores que foram vivenciados, inspirando a seguir com outras análises futuras, na intenção de aprofundar o conhecimento com o objeto. A performance da cena Hip Hop se caracteriza como um movimento social juvenil motivador para expressar as ideias de indivíduos desacreditados pela sociedade, pois traz consigo uma maneira de resistência para denunciar as injustiças socioeconômicas que a população sofre.

Tal perspectiva em que o movimento se impõe, pode-se dizer que é uma forma de exercitar a reflexão para a busca de melhoria do desenvolvimento que considere o ser humano como um todo, como ser na sua vocação natural e trajetória de vida, a procura por melhores condições de vida e de uma sociedade mais justa. E isso está incluso na sua identidade cultural, na identidade que os jovens adeptos se sentem representados e reconhecidos nesse conjunto e que os objetos de design aqui colecionados visam enunciar.

É necessário que se diga, embora, que possa ser uma mesma realidade no campo do imaginário social, a realidade igualitária não é adquirida como unidade, porque de acordo com alguns teóricos como Maffesoli (1998) e Morin (2009), cada pessoa constrói a realidade a partir da visão que possui do mundo social. As formas de linguagens com as quais cada indivíduo trata sua realidade, são manifestações que caracterizam os seus campos de significações, vivências e conceitos atribuídos para tal. Nessa medida o design funciona como um conhecimento que comunica nessa relação de pertencimento ao grupo, visto que as pessoas passam a portar objetos similares.

Sendo assim, as contribuições para o campo do Design, pode-se operar como especialidade que impulsiona a atividade cultural e econômica, demonstrando a sua potencialidade que busca chamar a atenção da população e estimular o discurso em volta da problemática mencionada, sendo até um formador de opinião pelo poder em seu discurso e abrangência de público. Ficando evidente que o Design contribui com reflexões, ideias e propostas, arquitetadas sob um novo olhar, para o progresso de uma atividade que antes não lhe cabia envolvimento, estando sob uma posição de ser não só apenas criativo, mas sobretudo de ser capaz de decodificar e transmitir as mensagens,

compreendendo suas exterioridades estéticas, funcionais, comunicacionais e significativas, onde a comunicação está inteiramente ligada ao repertório dos adeptos, que é todo conhecimento adquirido durante a vida do sujeito.

O Design Gráfico é utilizado como um elemento para significar este grupo social por meio dos fundamentos da linguagem gráfica, compreendendo seu processo de construção de significados atrelado aos atributos da materialidade do movimento Hip Hop.

O conhecimento simbólico que existiu nesse contexto cultural urbano, denota os valores de significação como elemento que comunica e agrega importância para os seus discursos que são consumidos com as expressões culturais, acontecendo assim no Hip Hop, associado por muitos como um signo de rebeldia ou contravenção social. Assim sendo, foi estudado durante a graduação que o papel do designer gráfico é fazer com que as coisas falem por si só. Esclarecendo em conceitos os seus fundamentos aplicados e compostos pela tecnologia usada em qualquer que seja o contexto cultural. O artefato pode também contar algo sobre o usuário, seja ele material ou imaterial, suas formas de vida que se fazem parte ou não a certos grupos.

Do mesmo modo, o objetivo geral da pesquisa foi evidenciado e analisado, mostrando as particularidades da performance de uma cultura periférica e sua prática de representação na construção de significados na cidade de Caruaru, estando claro os fiéis princípios do movimento Hip Hop se adequando à contemporaneidade desde o seu surgimento.

Dentre os objetivos específicos: Compreender os 4 elementos, o DJ, o MC, o Grafite e o Break Dance que configuram o movimento HIP HOP nacionalmente, pode-se compreender como atividades distintas, mas que se completam numa forma articulada de movimento social. Em seguida foi: Identificar os aspectos que definem a performance HIP HOP na cidade de Caruaru, visto que a cultura Hip Hop em Caruaru se define pelo diálogo que a mesma faz no contexto da cultura local. E por fim dos objetivos específicos: Verificar por meio do design como se dá a significação e a representação cultural do movimento HIP HOP em Caruaru, sendo assim, a verificação se deu pelos fundamentos da linguagem gráfica implícito no Meid – Modelo Exploratório de Intervenção de Design, por

meio dos mapeamentos descritos no capítulo de Metodologia da Pesquisa, compreendendo sua significação e representatividade na fase do Mapeamento da ordem Subjetiva, onde foi possível visualizar no Imaginário, Discurso, Materialização e Espírito do Tempo. Ao fundamentar o estudo acerca das informações coletadas, constatou-se que a relação de identificação que o indivíduo desenvolve está inteiramente ligada a linguagem presente naquela realidade compostas por reflexos das afinidades de domínio conduzidas no sistema social.

Visto assim, o vínculo entre Design e Cultura, é possível propor ainda uma ligação destes com a sociedade, onde juntos podem ser revelados boas partes das relações sociais e experiências de subjetividade. As práticas sociais apresentam propriedades típicas de posição social de quem as produz, porque a própria subjetividade dos indivíduos, sua forma de perceber e apreciar o mundo, suas preferências, seu gosto, suas aspirações, estariam previamente estruturadas em relação ao momento da ação, mas esta subjetividade é estruturada internamente pelas experiências vivenciadas pelos sujeitos em função do seu contexto social.

São diversas as formas que utilizamos para conferir significados às coisas e para codificar, organizar e regular condutas entre elas. Logo, a cultura passa a ser de suma importância na construção da vida social, pois ordena essa significação em objetos, como por exemplo: nas camisetas, nos bonés, nos tênis e afins. Sendo ela a soma de diversas constituições discursivas aos quais a linguagem própria se utiliza com a finalidade de dar significado às coisas. Diante disto, a cultura assume um importante papel no que diz respeito à estrutura e à organização da sociedade, vide o próprio contexto social analisado.

Sem antes pensar a possibilidade de trabalhar com o Design Gráfico ligado aos âmbitos da cultura, já havia o interesse pelas áreas culturais e essa combinação dos campos em questão proporcionou uma interessante oportunidade para a visibilidade do movimento Hip Hop na região, uma vez que se tem interesses de níveis acadêmicos acaba atraindo a atenção, e essa atenção veio de forma positiva repercutindo entre os adeptos a importância de compartilhar a cultura desenvolvida na comunidade.

Esta pesquisa tem grande importância para a formação acadêmica e pessoal aqui desenvolvida, impulsionando a seguir adiante como pesquisadora. O repertório adquirido durante este estudo, contribuí na forma de como a interpretação da linguagem hoje é observada, numa forma mais sensível, humanizada e apurada. Não foi um tempo muito longo de pesquisa, mas o contato com a cultura já era de alguns anos e com certeza foi um tempo muito bem gasto, dessa vez com um olhar diferenciado no qual houve muita dedicação, satisfação e propriedade em todo processo vivenciado, adicionando para o crescimento pessoal, um aprendizado inesquecível.

Referências

- ALVES, Adjair e ALVIM, M.R.B. JUVENTUDE E INTEGRAÇÃO SUL-AMERICANA: Caracterização de situações-tipo e organizações juvenis. 2007.
- ALVES, Adjair. CARTOGRAFIAS CULTURAIS NA PERIFERIA DE CARUARU: Hip Hop, construindo campos de luta pela cidadania. 2005.
- ALVES, Luiz Roberto; CARVALHO, Marcelo. (Orgs.). Cidades - Identidade e Gestão. São Paulo: Saraiva, 2009.
- BROWN, Mano. Agito Total. Postado em 17/04/2015, Disponível em: <http://www.agitototal.com/2015/04/sesc-campo-limpo-apresenta-nelson.html>. Acesso em 17/10/2015.
- CHAUÍ, Marilena. O que é Ideologia. São Paulo: Brasiliense, 1984.
- DARBY, Derrick. Hip Hop e a filosofia. São Paulo: Mandras, 2006.
- DONDIS, Donis A. A sintaxe da linguagem visual. São Paulo: Martins Fontes, 1991.
- G1, Notícias. Postado em 27/12/2013. Disponível em: <http://g1.globo.com/pe/caruaru-regiao/noticia/2013/12/cresce-numero-de-homicidios-em-relacao-ao-ano-passado-em-caruaru.html>. Acesso em 15/07/2015.
- GUIMARÃES, Luciano. A cor como informação: a construção biofísica, linguística e cultural da simbologia das cores. 3. ed. São Paulo: Annablume, 2004.
- HALL, Stuart. Quem precisa de identidade? In: SILVA, T. T. da. (Org). Identidade e diferença: a perspectiva do estudos culturais. Petrópolis, RJ: Vozes, 2000.
- KHUMTHUKHIT, Ploy. A Nova Diplomacia Pública no Japão. PUC - Rio de Janeiro. Disponível em: www.maxwell.vrac.puc.rio.br. 2010. Acessado em: 24/11/2015.
- LARAIA, Roque de Barros. Cultura: um conceito antropológico. Rio de Janeiro, Zahar. 1986.

LEAL, Sérgio José de Machado. Acorda Hip Hop! despertando um movimento em transformação. Rio de Janeiro: Aeroplano, 2007.

LOPES, M. T.. Apresentação e discussão do MODELO EXPLORATÓRIO DE INTERVENÇÃO DO DESIGN – MEID: A ação em parceria como metodologia para o desenvolvimento da formação acadêmica em design. Université Paris 1 – Sobornne e Universidade Federal de Pernambuco. 2013.

LOPES, M. T.. Rio Grande do Sul. O design de moda como diferencial inovador para o mapeamento do potencial do Pólo de confecção do Agreste pernambucano. Rio Grande do Sul: 10º Colóquio de Moda, 2014. 11 p. Disponível em: <http://www.coloquiomoda.com.br/anais/anais/10-Coloquio-de-Moda_2014/ARTIGOS-DE-GT/GT02-CONSUMO-DE-MODA/GT-2-O-DESIGN-DE-MODA-COMO-DIFERENCIAL-INOVADOR-PARA-O-MAPEAMENTO.pdf>. Acesso em: 28/05/2015.

MAFFESOLI, Michel. No fundo das aparências. Petrópolis: Vozes, 1996

MAFFESOLI, Michel. O Tempo das Tribos: O declínio do individualismo nas sociedades de massa. 2ª Edição Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1998.

MARCO Zero do Hip Hop. Direção de Pedro Gomes. Produção de Erica Rocha. Roteiro: Andrelo Pé e Pedro Gomes. São Paulo, 2014. (15 min.), son., color. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=3uoZ7ztjSDI>>. Acesso em: 02/06/ 2015.

MAPS, Google. Mapa dos bairros Centenário e Morro do Bom Jesus, Caruaru - 2015. Disponível em: www.google.com.br/maps/place/Morro+do+Bom+Jesus,+Caruaru. Acessado em: 05/12/2015.

MEDEIROS, R. B. de. Para uma compressão da cultura popular na teoria marxista. Recife:

Ed. Livro Rápido. 2007.

MORIN, Edgar. Cultura de massa no século XX Volume 2: Necrose. Rio de Janeiro, Forense Universitária, 2009.

MUNARI, Bruno. Design e comunicação visual. São Paulo: Martins Fontes, 2006.

Ono, Maristela. Design Cultura Sintonia Essencial. 1ª Edição, Editora: Serzegraf Ind. e Editora Gráfica, 2006.

PIMENTEL, Spensy. O Livro Vermelho do Hip Hop. São Paulo: USP, 1999.

RACIONAIS MC'S. Negro Drama, Cosa Nostra Fonográfica CD. São Paulo, 2002.

RICHARD, Big. Hip Hop: consciência e atitude. São Paulo: Livro Pronto, 2005.

Rede NetNews Cantores PE Azulão - Brazil. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=7YteY3YfrFo>. Postado em 10/03/2013. Acesso em 14/10/2015.

RICHARD, Big. Big Richard: O Hip Hop é expressão da cultura popular e como tal deve ser reconhecido. Postado em: 05/02/2014. Disponível em: <http://www.vermelho.org.br/noticia/235038-130>. Acesso em: 25/06/2015.

TADDEO, Carlos Eduardo: Eduardo A guerra não declarada na visão de um favelado. São Paulo, 2012.

TABELA DE CORES. Disponível em: <https://color.adobe.com>. Acesso em: 29/07/2015.

TRIUNFO, Nelson. NELSON Triunfo Programa do Jô: Globo. 2001. Postado em 02/03/2010. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=X6nn_4KjCco. Acesso em 16/07/2015.

VELASCO, Tiago. Pop: Em busca de um conceito. Animus - revista interamericana de comunicação midiática, 2010. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.5902/217549772376>. Acesso em 30/04/2016.

Anexos

Entrevistas

01 – Quando o Hip Hop chegou em Caruaru? (DJ Nino)

No início só se ouvia falar de Hip Hop nas discotecas, pouco se falava de aqui em Caruaru. O Hip Hop caruaruense surgiu no finalzinho dos anos 80 e começo dos anos 90, em 2000 e foi uma febre aqui na comunidade, o pessoal todo mundo querendo se envolver, cada vez mais a molecada estava presente, nos juntávamos para ouvir um rap, já tinha alguns manos que aprendeu desenvolver uns passos de break, outros com dons de desenho, daí com isso sentimos a necessidade de criar nosso grupo de Hip Hop a Família MBJ.

02 – Por que a escolha desta cor para a sua equipe? (Jailson Santos, B.boy Style)

As cores é como se representasse meu território, meu bairro, minha Crew. Onde chego pra competir a turma já sabe que o verde representa o grupo Gang Calanga. E é assim também pra outras crews, cada grupo representa seu bairro marcado pela cor.

03 - Qual sua inspiração para cantar e compor suas músicas no Rap? (Fábio – RF)

Minha inspiração pro rap vem do morro mesmo, se eu tiver de escolher que seja do meu setor, de um cara negro como eu, pobre como eu... chamado Azulão, ele mesmo compões suas letras e canta. Minha inspiração começa por ele, porque nós temos que valorizar aqui.

04 - Qual sua inspiração para cantar e compor suas músicas no Rap? (Izrael – JC)

Primeiramente Deus, segundo minha família... E do movimento é o Mano Brown, esse cara pra mim é muito foda.... A ideia é de mil grau.

05 – Qual a inspiração para realização de suas performances no Break Dance? (B.boy Claudio)

Minha inspiração vem de dentro, vai além do que imagino que poderia ir, eu começo no treino e quando vejo tá fluindo os movimentos.... Me faz ver e reconhecer quem realmente sou, por dentro e por fora, e através do Hip Hop expresso o que meu coração está sentindo.

06 – Qual a inspiração para realização de suas performances no Break Dance? (B.boy Alface)

O Michael Jackson revolucionou o cenário Hip Hop, na sua dança, na sua música.

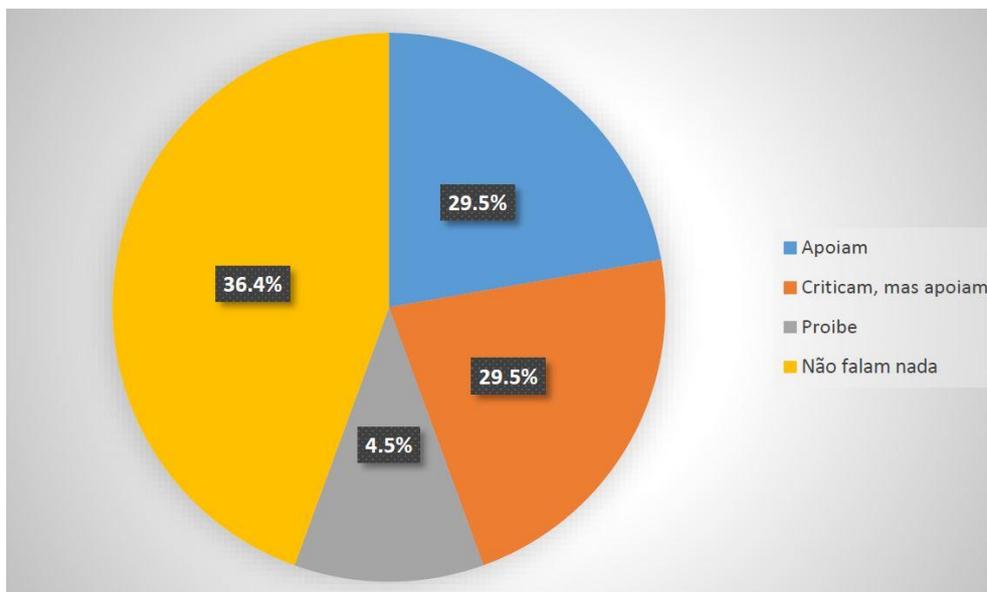
07 – O que mais te fez se identificar com a cultura Hip Hop? (B.girl Pekena)

É um ambiente maravilhoso, de troca de aprendizagem e afeto. No HipHop tudo é muito bonito e alegre, é uma das culturas mais inclusivas que eu já conheci. Estou apaixonada.

08 - Para você o que quer dizer o Hip Hop ou o que ele representa? (B.girl Pekena)

Representa uma cultura com diversos aspectos que devem ser valorizados. Estilo de vida que representa a força da rua, criatividade, paz e união. O Hip Hop na teoria é paz amor união e diversão, vivemos tudo isso e ainda mais um pouco, pois enfrentamos dificuldades a cada minuto e só pelo fato de ser mulher aí já convivemos com o problema pois é preconceito, críticas, discriminações e etc. Tai, o Hip Hop representa uma boa parte do que sou hoje.

09 – Qual a posição da sua família a respeito do Hip Hop? (De 53 entrevistados)



10 – Qual sua idade?

